

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Sociologia

Monique Salomon Giuliani

BYE BYE BRASIL: Experiências migratórias de brasileiros graduados que emigraram para a Inglaterra dispostos a realizar trabalhos que nunca consideraram fazer no Brasil

Belo Horizonte

2019

Monique Salomon Giuliani

BYE BYE BRASIL: Experiências migratórias de brasileiros graduados que emigraram para a Inglaterra dispostos a realizar trabalhos que nunca consideraram fazer no Brasil

Versão Final

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH - da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de Freitas

Belo Horizonte

2019

301 Salomon, Giuliani Monique
S174b Bye bye Brasil [manuscrito] : experiências migratórias de
2019 brasileiros graduados que emigraram para a Inglaterra
dispostos a realizar trabalhos que nunca consideraram fazer
no Brasil / Giuliani Monique Salomon. - 2019.
84 f.
Orientador: Renan Springer de Freitas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Sociologia – Teses. 2. Migração – Teses. 3. Trabalho -
Teses. I. Freitas, Renan Springer de. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MONIQUE SALOMON GIULIANI

Aos 04 (quatro) dias do mês de julho de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **"BYE BYE BRASIL: EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE BRASILEIROS GRADUADOS QUE EMIGRARAM PARA A INGLATERRA DISPOSTOS A REALIZAR TRABALHOS QUE NUNCA CONSIDERARAM FAZER NO BRASIL"**. A banca foi composta pelos professores doutores **Renan Springer de Freitas** (Orientador - DSO/UFMG), **Bráulio Figueiredo Alves da Silva** (DSO/UFMG) e **Danielle Fernandes Costa Machado** (IGC/UFMG).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (x)

Reprovação da Dissertação ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 04 de julho de 2019.


Prof. Dr. Renan Springer de Freitas (Orientador - DSO/UFMG)


Prof. Dr. Bráulio Figueiredo Alves da Silva (DSO/UFMG)


Profa. Dra. Danielle Fernandes Costa Machado (IGC/UFMG)

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - 31.270-901 - Belo Horizonte - MG - Tel. (31) 3409 5031 - e-mail: ppgs@fafich.ufmg.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, por todos os sacrifícios que fez em prol dos filhos.

Agradeço à minha querida Dindinha, que sempre me apoiou em minhas batalhas e celebrou comigo minhas conquistas.

Ao meu companheiro desta e quiçá de outras vidas, Rafael.

Aos amigos e familiares que me apoiaram na realização da minha migração para a Inglaterra, circunstância que culminou nesta pesquisa.

Aos professores da UFMG que contribuíram para a minha formação como socióloga.

Aos entrevistados que compartilharam comigo de suas respectivas experiências migratórias.

You don't know me
Bet you'll never get to know me
You don't know me at all
Feel so lonely
The world is spinning round slowly
There's nothing you can show me
From behind the wall
Show me from behind the wall
Caetano Veloso - You don't know me

RESUMO

Dentre os principais locais de destino dos brasileiros que decidem-se por migrar para outro país, está a Inglaterra que abriga atualmente uma das maiores comunidades de brasileiros residentes fora do país. Muitos destes imigrantes brasileiros realizaram, antes de emigrar, investimentos em seu capital humano dedicando tempo e dinheiro para a realização de um curso de nível superior a fim de obter uma melhor colocação no mercado de trabalho brasileiro. Estes brasileiros graduados ao migrarem o fizeram, em muitos casos, dispostos a realizar no país receptor, no caso Inglaterra, trabalhos que nunca cogitaram realizar no Brasil tais como *cleaner*, motorista, babá, dentre outros empregos pertencentes ao que Piore (1979) denomina como mercado secundário. Assim sendo, a presente pesquisa tem por objetivo analisar experiências migratórias de brasileiros graduados que migraram legalmente para a Inglaterra dispostos a realizar nesse país trabalhos de baixa qualificação. Pretende-se, por meio da metodologia de coleta de relatos de vida, verificar: como se deu a emergência do desejo de migrar; fatores de atração e repulsão que resultaram na decisão pela migração; obstáculos encontrados; quais eram as expectativas antes de migrar; qual o último cargo ocupado antes da migração e trajetória profissional após a migração; expectativas quanto ao futuro e se há intenção de retorno. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa os resultados correspondem à análise dos relatos colhidos e, assim sendo, concluiu-se que além do fator econômico, os entrevistados revelaram a violência como um fator de repulsão do Brasil. Percebeu-se nos discursos um sentimento de desencantamento em relação ao Brasil, não havendo, por parte dos entrevistados, intenção de retornar para o país de origem.

Palavras-chave: Migração; Brasileiros na Inglaterra; Trabalho

ABSTRACT

Among the main places of destination of Brazilians who decide to migrate to another country, is England that currently houses one of the largest communities of Brazilians living abroad. Many of these Brazilian immigrants, before emigrating, made investments in their human capital, dedicating time and money to a higher education course in order to obtain a better placement in the Brazilian labor market. These Brazilian graduates migrate, in many cases, willing to carry out in the receptor country, in this case England, jobs that they had never considered in Brazil such as cleaner, driver, babysitter, among other jobs belonging to what Piore (1994) names the secondary market. Thus, this research aims to analyze migratory experiences of Brazilian graduates who legally migrated to England willing to perform low-skilled jobs in England. It is intended, through the methodology of collecting life reports, to verify: how the desire to migrate emerged; attraction and repulsion factors that resulted in the decision to migrate; obstacles encountered; what the expectations before migrating were; what the last position held before migration and professional career after migration is; expectations about the future and whether there is any intention of return. As this is a qualitative research, the results correspond to the analysis of the collected reports and, therefore, it was concluded that besides the economic factor, the interviewees revealed violence as a repulsion factor in Brazil. It was noticed in the speeches a feeling of disenchantment in relation to Brazil, having no intention, on the part of the interviewees, to return to the country of origin.

Key-words: Migration; Brazilians in England; Work.

LISTA DE QUADROS

Número	Título	Página
1	Fatores de atração e fatores de repulsão	61
2	Relações sociais que influenciaram a migração para Inglaterra	64
3	Trajetória profissional	81
4	Expectativas quanto ao futuro profissional	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 REVISÃO LITERÁRIA.....	14
1.1 Fatores de atração e repulsão.....	17
1.2 Teoria do capital humano.....	18
1.3 Teoria do mercado segmentado.....	20
1.4 Redes Migratórias.....	23
1.5 Causalidade cumulativa.....	24
1.6 Teoria dos sistemas migratórios.....	24
2 A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE OS FLUXOS MIGRATÓRIOS....	25
3 A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA A INGLATERRA.....	31
4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	35
4.1 Seleção da amostra.....	35
4.2 O relato de vida.....	36
5 APRESENTAÇÃO DOS RELATOS.....	38
5.1A emergência do desejo de migrar.....	38
5.2 Fatores de atração e repulsão.....	39
5.2.1 Considerações sobre os fatores de expulsão do Brasil, fatores de atração da Inglaterra e obstáculos para a realização da migração.....	61
5.3 Expectativas sobre a Inglaterra.....	67
5.4 Trajetória profissional.....	68
5.4.1 Considerações sobre a trajetória profissional.....	81
5.5 Bye Bye Brasil.....	85
6 CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

INTRODUÇÃO

O aumento do fluxo migratório internacional no século XXI culminou na consolidação da relevância dos estudos sobre migração para a compreensão das novas configurações econômicas, sociais e culturais que estão sendo estabelecidas a partir desse movimento intenso de pessoas.

Estamos vivenciando a chamada “Era das migrações” e, em consonância com esse fluxo internacional, o volume da emigração brasileira sofreu um aumento nas últimas décadas (Sasaki; Oliveira Assis, 2000) o que torna esse tema relevante dentro das agendas políticas e acadêmicas do Brasil.

De acordo as estimativas mais recentes do Ministério das Relações Internacionais (atualizadas em 29/11/2016) o número de brasileiros residentes fora do país vem a ser de aproximadamente 3.083.255, sendo importante ressaltar que esse número tende a ser ainda maior, visto que as estimativas do MRE não contabilizam os brasileiros que vivem em outros países na condição de indocumentados.

Dentre os principais locais de destino dos brasileiros que decidem-se por migrar para outro país está a Inglaterra, que abriga atualmente uma das maiores comunidades de brasileiros residentes fora do país (MRE). Eu, autora desta pesquisa, faço parte dessa comunidade desde dezembro de 2017, ano em que migrei para a Inglaterra.

Decidi emigrar para esse país no mesmo ano em que ingressei na Pós graduação em Sociologia, o que resultou na decisão de abordar a migração de brasileiros para a Inglaterra nesta pesquisa.

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre esse tema constatei que, embora exista um número significativo de estudos sobre a migração de brasileiros para a Inglaterra (Torresan, 1994; Cwerner, 2001; Evans, Souza e Dias, 2015; Evans et al., 2011; Evans et al., 2007; Kubal, Bakewell e de Haas, 2011; McIlwaine, 2007; McIlwaine, Cock e Linneker, 2011, dentre outros), trata-se de um campo de estudos que está longe de tornar-se saturado. Mediante esse vasto campo de possibilidades de investigação optei por tratar de experiências

migratórias semelhantes a minha, ou seja: casos em que os imigrantes investiram em seu capital humano, quando ainda residiam no Brasil, por meio da realização de um curso de nível superior, e optaram por sair do Brasil cientes de que no país receptor, no caso Inglaterra, possivelmente iriam atuar no mercado de trabalho realizando trabalhos de baixa qualificação como, por exemplo, *cleaner*, babá, lavador de pratos, motorista de van, dentre outros.

Ao tratarmos da migração de brasileiros rumo a Inglaterra somos levados a pensar, *a priori*, que esse movimento migratório decorre do interesse, por parte dos brasileiros, de obterem melhores rendimentos na Inglaterra, o que nos faz enxergar o imigrante brasileiro como um típico exemplar de “Homo Economicus”. Contudo, embora a possibilidade de obter melhores rendimentos nesse país seja um importante motivador para a realização da migração, há sempre mais de uma razão relacionada ao “projeto migratório” (Frangella, 2012).

Assim sendo, a presente pesquisa tem como objetivo fazer um registro etnográfico a respeito das expectativas dos imigrantes antes de emigrarem, dos obstáculos encontrados, da trajetória profissional antes e após a migração; como os entrevistados percebem a própria trajetória profissional; quais são as expectativas quanto ao futuro profissional e se há intenção de retorno.

Quanto à metodologia a ser utilizada, optou-se pela metodologia qualitativa que, conforme exposto por Sanches e Minayo (1993), vem a ser a metodologia mais adequada quando se pretende compreender fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna, ou seja, que abarcam valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões.

Para adentrar nessa esfera de subjetividade dos atores sociais a serem entrevistados pretende-se utilizar o método de investigação elaborado por Bertaux (2005) que consiste na coleta de relatos de vida. Essa metodologia é inspirada na etnografia e, embora esse método já seja legitimado na antropologia, ainda encontra resistência na sociologia.

Para o desenvolvimento desta dissertação foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico acerca das teorias produzidas até então sobre as migrações. Posteriormente selecionou-se dentre as teorias encontradas aquelas que se revelaram pertinentes aos objetivo

desta pesquisa, estando essas teorias expostas no primeiro capítulo intitulado “*Perspectivas teóricas sobre as experiências migratórias*”.

O segundo capítulo intitulado “*A influência da globalização sobre os fluxos migratórios*” busca apresentar a conexão entre o fenômeno da globalização e os fluxos migratórios contemporâneos, uma vez que esses fluxos podem ser considerados como uma das faces da globalização.

O terceiro capítulo intitulado “*A migração de brasileiros para a Inglaterra*” foi elaborado com o intuito de apresentar informações sobre a formação do fluxo migratório de brasileiros para a Inglaterra. Além disso, esse capítulo também apresenta os dados revelados pelo relatório *Brasileiros em Londres: Relatório para a Campanha de Estrangeiros a Cidadãos* o qual destaca-se como a primeira (e até então única) tentativa de mapeamento do perfil sociológico dos imigrantes brasileiros residentes no Reino Unido.

O quarto capítulo intitulado “*Ainda em tempo: Maslow e sua teoria sobre motivação*” corresponde a um capítulo criado após o início das entrevistas, devido ao fato do tema “segurança” ser um tema recorrente entre os entrevistados.

O quinto capítulo, intitulado “*Apresentação dos relatos*”, contém a apresentação dos relatos colhidos. Buscou-se neste capítulo apresentar os relatos de forma individualizada, afim de permitir ao leitor percorrer cada relato e assim identificar as particularidades das experiências migratórias apresentadas.

Este capítulo está dividido em subtítulos, sendo esses: A emergência do desejo de migrar (onde podemos identificar os casos em que havia um desejo de migrar antes da tomada de decisão pela migração); Fatores de atração e repulsão (onde podemos identificar os fatores que repeliram os entrevistados do Brasil bem como os fatores que atraíram os entrevistados para a Inglaterra); Expectativas sobre a Inglaterra (Onde podemos identificar qual era a expectativas dos imigrantes brasileiros em relação ao país receptor e se essa expectativa foi atendida); Trajetória profissional (onde podemos identificar qual foi o último emprego que os entrevistados tiveram antes de realizar a migração e qual foi sua trajetória profissional após a

chegada na Inglaterra); Bye Bye Brasil (onde podemos identificar se há algum projeto de retorno).

Além das apresentações dos relatos, neste capítulo foram feitas algumas inferências a respeito dos dados coletados. Por fim, temos o sexto capítulo intitulado “*Conclusão*” onde apresentamos de forma sintetizada alguns achados analíticos da pesquisa relacionando-os com a bibliografia utilizada nesta pesquisa e o sétimo o qual corresponde a apresentação da bibliografia utilizada para realização desta pesquisa.

Capítulo 1

1 REVISÃO LITERÁRIA

Estamos vivenciando a chamada “Era das migrações” (expressão proclamada pelos autores Castles; Hass; Miller, 2014), onde milhares de pessoas se deslocam sob as mais variadas condições, o que torna impossível a elaboração de um conceito único que se revele capaz de contemplar esse fenômeno em todas as suas dimensões e facetas apresentadas.

Tratando-se de um fenômeno simultaneamente espacial e temporal, todas as definições do que são migrações são arbitrárias, na medida em que não há consenso relativamente à amplitude geográfica a percorrer, nem à duração da permanência no destino, nem tão pouco às consequências sociais implicadas no movimento para que o mesmo possa ser considerado como migratório. Por consequência, as definições de migrações revelam-se insuficientes na aspiração de cobrir todas as dimensões e facetas de um fenômeno tão heterogêneo (Nolasco, 2016, p.3).

Essa pluralidade, multiplicidade e complexidade das situações migratórias, sejam essas locais, regionais ou internacionais, fazem da migração um fenômeno que definitivamente não pode ser explicado por apenas um viés teórico, pois conforme exposto por Jansen (1969, p. 60):

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido de que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso de integração na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante.

Embora seja um fenômeno social presente desde os primórdios da humanidade, é recente a elaboração de estudos sobre esse fenômeno, sendo interessante expor que os autores clássicos das ciências sociais, ao tratarem da migração em seus estudos, o fizeram de maneira

superficial pois, conforme exposto por Richmond (1988 apud Sasaki; Oliveira Assis, 2000), Marx, Durkheim e Weber abordaram a migração apenas enquanto uma consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo e, por conseguinte, do desenvolvimento da industrialização e da urbanização.

Ao contrário dos autores clássicos das ciências sociais, o geógrafo e cartógrafo inglês Ravenstein (1834-1913) deu à migração, enquanto tema de estudo, a atenção que lhe era devida dedicando-se ao estudo dos fluxos migratórios ocorridos no Reino Unido e no país de Gales (por meio dos dados do recenseamento da população britânica, os quais abarcavam o período entre 1871 e 1881), onde trabalhadores se deslocavam rumo aos centros comerciais e industriais em busca de oportunidades de trabalho. A partir de seus estudos ele constatou que a migração era o resultado da existência de desequilíbrios na distribuição dos fatores terra, trabalho, capital e recursos humanos entre as regiões, vindo a desenvolver o modelo “*push pull*” (1876) que pode ser traduzido como repulsão-atração. Esse modelo coloca em confronto dois locais com patamares de desenvolvimento socioeconômicos distintos, sendo estes: o local de origem, que é caracterizado por apresentar condições de vida precárias ou de baixa qualidade e que, assim sendo, “empurra” os indivíduos para fora e o local de destino, que se caracteriza por apresentar condições de vida satisfatórias atraindo portanto os potenciais migrantes (Fonseca, 2005).

É preciso considerar que Ravenstein, ao realizar seus estudos, estava inserido no contexto da revolução industrial, portanto suas observações ocorreram num momento em que havia um contingente considerável de pessoas se deslocando rumo aos centros comerciais e industriais em busca de oportunidades de trabalho. Conforme exposto por Pacheco e Patarra (1997) as “leis da migração” de Ravenstein revelavam a necessidade do capitalismo de poder contar com uma população trabalhadora (disponível ou potencial) capaz de responder prontamente aos requisitos dinâmicos do sistema produtivo.

A partir de Ravenstein, ao longo do tempo, foram elaboradas diversas teorias sobre o fenômeno da migração, sendo que dentre tais teorias têm-se aquelas que se aproximam do modelo *push-pull* (proposto por Ravenstein) e aquelas que se distanciam desse modelo. Os

estudiosos sobre a migração comumente dividem tais teorias em dois grandes grupos, de modo que o primeiro grupo é composto por teorias de perspectiva micro, enquanto que o segundo grupo pelas teorias de perspectiva macro.

As teorias de perspectiva micro, as quais se aproximam do modelo *push pull*, defendem que a migração resulta de decisões tomadas racionalmente, por indivíduos isolados ou por unidades maiores de pessoas relacionadas, que se deslocam almejando aumentar os seus rendimentos na região receptora. Em contrapartida, tem-se as teorias de perspectiva macro as quais consideram que o movimento migratório está sujeito a constrangimentos estruturais. De acordo com a perspectiva macro, as áreas mais prósperas (com escassez de mão-de-obra e salários mais elevados) tenderiam a atrair os migrantes das regiões onde houvesse recessão econômica e abundante oferta de mão-de-obra. Portanto, nesse caso a unidade de análise não é o migrante individual mas o mercado global e a forma como a economia nacional/internacional e os planos de ação política, e em particular o desenvolvimento do capitalismo, têm deslocado populações.

Ambas as perspectivas possuem limitações no que tange a interpretação dos movimentos migratórios. As teorias de perspectiva micro falham ao considerar que os indivíduos são livres de constrangimentos na decisão de emigrar, ignorando, por exemplo, a existência de fronteiras políticas que cerceiam essa liberdade. Além disso, consideram que são os indivíduos mais pobres e com menores condições que realizam a migração, quando na verdade são os indivíduos que possuem recursos capazes de financiar os custos da migração que efetivamente se deslocam (Marques, 2008).

No caso das teorias de perspectiva macro, o principal problema vem a ser o fato de que seus respectivos teóricos tomam os interesses do capital como "determinantes" dos movimentos migratórios ignorando as "motivações e ações dos indivíduos e grupos envolvidos" (Castles, 2003).

É preciso considerar que, embora existam diferenças entre as teorias de perspectiva micro e macro, conforme exposto por Silva (2007, p. 57) “ (...) as interpretações neoclássicas bem como as histórico-estruturais colocam a categoria do trabalho como o centro das

reflexões sobre as migrações”. Outra consideração relevante é o fato de que as zonas de confluência entre as visões “micro” e “macro” são múltiplas e as distinções não são absolutas (Peixoto, 2004).

A seguir serão apresentadas algumas das principais teorias que foram elaboradas até então sobre o fenômeno da migração, as quais serão utilizadas na presente pesquisa para analisar os relatos biográficos dos imigrantes brasileiros entrevistados.

1.1 Fatores de atração e repulsão

O pensamento de Ravenstein ecoou entre os teóricos neoclássicos de modo que esses interpretaram o fenômeno da migração utilizando como parâmetro de análise o modelo *push-pull*. Assim sendo, os neoclássicos interpretam a migração como sendo resultado de decisões racionais realizadas por indivíduos que, almejando o aumento de seus rendimentos, migram de uma dada região para outra (Becker, 1997).

A perspectiva neoclássica das migrações internacionais privilegia o indivíduo como unidade de análise. Parte da consideração de que o processo migratório decorre de indivíduos racionais que, conscientes da sua circunstância pessoal e social, e na posse de informação relativa às características de duas ou mais regiões com níveis econômicos distintos, ponderam os custos de emigrar com o objetivo de maximizar rendimentos. Os indivíduos tornam-se emigrantes se depois de ponderados os custos migratórios, bem como a oferta alternativa de destinos, consideram que é mais rentável, em função das suas expectativas, deixarem o seu país (Nolasco, 2016, p.17).

O teórico neoclássico Everett Lee retomou na década de 1960 o modelo *push-pull* de Ravenstein, ampliando-o. “Sua proposição envolvia um conjunto de fatores negativos e positivos nas áreas de origem e destino dos migrantes, um conjunto de obstáculos intervenientes e uma série de fatores pessoais” (Becker, 1997, p. 327).

De acordo com Pacheco e Patarra (1997) é Lee quem apresenta os termos “fatores de atração” e “fatores de repulsão” de modo que fatores de atração podem ser compreendidos como a combinação de fatores econômicos, demográficos e de desenvolvimento social (nas

áreas receptoras), enquanto que os fatores de repulsão podem ser compreendidos como falta de emprego e escassez de recursos (nas áreas de origem). Os fatores de atração atuam de forma complementar aos fatores de repulsão e, assim sendo, os fatores de repulsão definem as áreas de origem enquanto que os fatores de atração determinam as áreas que receberão os fluxos migratórios.

Sobre os obstáculos, esses correspondem aos elementos que se colocam “entre dois pontos”, no caso, entre as áreas de origem e as áreas de destino atuando como empecilhos à efetivação do deslocamento. Tais obstáculos podem ser: a distância, os custos da deslocação, a dimensão da família ou leis migratórias, entre outros (Becker, 1997).

Percebe-se que a exposição de Lee apresenta algum pendor “sociológico” pois, segundo esse autor, devido ao desconhecimento relativo dos locais de destino, aos contatos pessoais variáveis ou mesmo a emoções transitórias, a decisão de migrar nunca é completamente racional (Peixoto, 2004).

1.2 Teoria do capital humano

Elaborando um pouco mais a perspectiva dos neoclássicos, sem pôr em causa os seus fundamentos, tem-se a teoria do capital humano. A expressão “capital humano” (cunhada por Theodore Schultz 1902-1998) corresponde às aptidões e habilidades intrínsecas ou adquiridas por uma pessoa ao longo do tempo. Segundo Schultz (1973 apud Peixoto, 2004), a aquisição desse capital se dá principalmente por meio da educação, ou seja, a formação escolar é a principal forma de investimento para o desenvolvimento dos recursos humanos sendo que tal forma de investimento exige esforço, dispêndio de recursos financeiros e tempo. Além disso, Schultz (1973 apud Peixoto, 2004) ressalta que, para que a educação resulte em crescimento econômico, os investimentos feitos na mesma devem ser de boa qualidade .

Chiswick (1978 apud Fusco, 2001) foi pioneiro na aplicação do conceito de capital humano aos estudos econômicos sobre os migrantes. Segundo este autor, os migrantes chegam ao país de destino sem possuírem muitas das qualificações sociais e econômicas

básicas (língua, conhecimento acerca da oportunidade de emprego, entre outras) e, ao longo do tempo, devido aos seus baixos salários, adquirem incentivo para investir em seu capital humano e assim aumentar seus rendimentos no país receptor. Portanto, o investimento em capital humano confere aos migrantes uma maior capacidade de integração e de intervenção na sociedade de acolhimento.

Ao elaborar um estudo sobre “Os custos e retornos da Migração”, o pesquisador Sjaastad utilizou a teoria do capital humano, vindo a concluir que a migração é “[...]um investimento que aumenta a produtividade dos recursos humanos, um investimento que possui custos, mas que também envolve retornos” (Sjaastad, 1962, p. 83). Segundo esse autor, os custos do “investimento” realizado numa situação migratória são vários: procura de informação (gastos de tempo e dinheiro - informação sobre novas oportunidades profissionais e infra-estruturas várias, incluindo formação e aprendizagem); custos de deslocação; custos de adaptação (aprendizagem de nova língua e cultura; criação de novas redes de apoio; custos de afastamento do meio de origem). Quanto aos benefícios da migração, esses convergem no aumento de rendimentos no local receptor.

Becker (1997) defende que os investimentos feitos pelo indivíduo em sua educação formal, na sua formação e treinamento profissional e na aquisição de outros conhecimentos serão determinados pela relação entre custos e benefícios futuros que espera receber por esses investimentos e os custos associados aos mesmos. Para esse autor, a análise econômica sobre os custos e os benefícios realizada pelo agente não se restringe ao retorno no curto prazo de modo que, além dos investimentos realizados no custeio do processo migratório, há também os investimentos realizados no local receptor sendo que nesse caso o agente pode vir a investir em seu próprio potencial produtivo ou no da sua unidade familiar.

Nesse caso, o “cálculo econômico” realizado pelo migrante pode se realizar tanto no nível da unidade indivíduo como da entidade familiar.

Portanto, a teoria do capital humano compreende que o investimento em educação no país receptor melhora as habilidades do imigrante, fato que resulta no aumento de sua

produtividade e por conseguinte no aumento de sua renda, sendo que esse retorno pode acontecer a curto, médio ou até mesmo longo prazo (Peixoto, 2004).

Por fim, é preciso considerar que a decisão de investir em capital humano dependerá da percepção do imigrante sobre o tempo em que permanecerá no país receptor e da expectativa com relação ao tempo gasto para obter algum tipo de retorno do investimento (Becker, 1993 apud Massey, 1990).

Embora a perspectiva neoclássica, que destaca a desigualdade na distribuição internacional do capital como o fator principal de movimentos populacionais no nível macroeconômico, seja capaz de explicar, por meio de seus conceitos e princípios, o surgimento de movimentos migratórios e o comportamento dos migrantes no nível micro, ela se revela incapaz de compreender a dinâmica dos movimentos migratórios em sua totalidade, uma vez que a decisão pela migração não resulta apenas de uma simples análise de custos e benefícios, como sugerido pela abordagem micro.

Assim sendo, a seguir serão apresentadas as teorias comumente designadas como “histórico-estruturais” as quais, por meio de uma perspectiva macro, se colocam em defesa das forças sociais estruturadoras da ação individual considerando as variações espaço-temporais (Peixoto, 2004).

1.3 Teoria do mercado segmentado

Segundo Piore (1979), o mercado de trabalho encontra-se polarizado, ou seja, há dois segmentos distintos, os quais são chamados de primário e secundário. No setor primário estão os empregos com maiores salários, melhores condições de trabalho, maior estabilidade, maior equidade nos processos administrativos e maiores chances de mobilidade ascendente. Já no mercado secundário, tem-se os empregos com menores salários, piores condições de trabalho, instabilidade e poucas oportunidades de avanço profissional (Vilela, 2011).

Conforme exposto no artigo *The dual labor market: theory and implications* (Piore, 1994) os pobres comumente atuam no segundo setor e isso acontece devido à existência de

barreiras que os impedem de ingressar no primeiro setor, sendo que essas barreiras compreendem não apenas os requisitos exigidos em relação a qualificação (capital humano) mas também envolve questões relacionadas ao comportamento e à aparência física desses indivíduos pobres. Portanto, mesmo os trabalhadores que se qualificam para atuar no setor primário permanecem presos ao mercado secundário por apresentarem características que remetem ao tipo médio de trabalhador do segundo setor.

Embora existam imigrantes com qualificação para as vagas do primeiro setor, esses tendem a ser direcionados para pleitear vagas no segundo setor, pois as decisões de contratação são tomadas com base em uma leitura superficial dos aspectos que são acessados de forma imediata como: raça, pontuação em testes específicos, linguagem corporal, modo de se vestir e de falar. Em outras palavras, a discriminação cria barreiras que impedem esses imigrantes de ingressarem no primeiro setor, ainda que tenham a qualificação necessária para tal (Piore, 1994).

É importante ressaltar que, para os teóricos do mercado segmentado, o diferencial de rendimentos entre imigrantes e nativos é fruto do próprio mercado e não de características produtivas dos indivíduos, como o capital humano. A discriminação seria o motivo para a persistência desse efeito estrutural sobre os salários e para a limitação da mobilidade dos indivíduos entre os postos de trabalho, o que evidencia a imperfeição do mercado. (Vilela, 2011, p.4).

Piore (1994), sugere que o combate à polarização do mercado seja feito por meio de políticas que tenham como foco a estrutura que alimenta o mercado de trabalho dual, de modo a possibilitar aos pobres e imigrantes a oportunidade de ocupar postos de trabalho do primeiro setor.

Concordando com Piore (1994) quanto à existência de um mercado dual, discordando, porém, em relação à ideia de que os imigrantes estejam condicionados ao setor secundário tem-se a chamada teoria dos sistemas mundiais que fundamenta-se nas ideias de Sassen (1990; 1998 apud Vilela, 2011).

Para essa autora, os imigrantes podem vir a ingressar tanto no mercado primário quanto no secundário e ela justifica sua posição afirmando que a reorganização da economia

mundial resulta na criação de um espaço transnacional onde circulam não apenas mercadorias, mas também pessoas. Há portanto um deslocamento internacional de trabalhadores, os quais dividem-se em altamente qualificados e de baixa qualificação de modo que esses trabalhadores ocuparão posições nos extremos da estrutura ocupacional.

Essa abordagem lança luz à necessidade de tratar a migração internacional mais recente como parte de um sistema mais amplo de reorganização da economia mundial onde se tem circulação de força de trabalho altamente qualificada e de baixa qualificação.

Sassen (2010) chama atenção para o fato de que na maior parte dos casos, os fluxos migratórios provêm de relações estabelecidas ao longo da história, de modo que “(...) quem recruta quem tende a ser determinado por laços político-econômicos anteriores – por exemplo, colonialismo ou investimentos estrangeiros atuais” (Sassen, 2010, p.117).

A perspectiva transnacional contribui para se pensar e compreender os novos fluxos migratórios onde os imigrantes comumente mantêm múltiplas relações sociais que os mantêm conectados simultaneamente ao local de destino e ao local de origem. Assim sendo, o enfoque transnacional enfatiza a emergência de um processo social que cruza fronteiras geográficas e culturais (Sasaki; Oliveira Assis, 2000).

Há ainda uma última abordagem que partilha da visão de mercado segmentado a qual é denominada por *middleman minorities* (termo introduzido por Blalock para designar as minorias étnicas) e sugere a existência de um mercado paralelo ao mercado dual, o qual é composto por indivíduos que constroem formas alternativas de trabalho no país receptor (Vilela, 2011).

Embora existam controvérsias entre essas três abordagens percebe-se a existência de um fator que as conecta: a ideia de que existe uma estrutura hierarquizante de ocupações no mercado de trabalho, onde os imigrantes buscam inserir-se.

Por fim, é preciso considerar que a experiência dos imigrantes no país receptor se dá de forma heterogênea de modo que nem todas as posições ocupadas pelos imigrantes no mercado de trabalho serão de exploração e inferioridade.

Quanto à discriminação, Vilela (2011) argumenta que pode ocorrer em função da posição na qual o imigrante se encontra no mercado de trabalho no país de destino como, também, em função da etnia ou a nação de origem.

1.4 Redes Migratórias

Compreendendo que os imigrantes não agem isoladamente, uma vez que estão inseridos em redes que fornecem informações e apoio na realização do processo migratório, nos deparamos com a teoria de redes.

Ao falar de redes, faz-se necessário tratar da ideia proposta por Elias (2008) que desenvolveu uma abordagem chamada de sociologia figuracional, a qual examina o surgimento das configurações sociais, que por sua vez, são fruto da interconexão entre os indivíduos e podem sofrer variações ao longo do tempo. Elias (2008) chama a atenção para o fato de que as pessoas formam teias de interdependência que se configuram conforme as forças sociais que são exercidas pelas pessoas que formam essas redes.

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham uma sem relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (Elias, 1994, p. 21).

Sendo o imigrante um ser social, a análise das redes sociais, como exposto por Truzzi (2008), auxilia na compreensão não só dos motivos que levaram o indivíduo a tomar a decisão de migrar, como também das razões que levaram à escolha de um dado local como destino. Segundo Massey (1990), as redes migratórias influenciam diretamente o fluxo migratório internacional, pois são responsáveis por reduzir os custos e riscos do movimento, bem como por aumentar a expectativa de retorno com a migração.

1.5 Causalidade cumulativa

Para além das redes Massey (1993) também fez uso de um processo que Myrdal (1957 apud Baeninger, 2017) chamou de “Causalidade Cumulativa” para explicar a perpetuação da migração. O princípio de causalidade cumulativa defendido por Myrdal (1957 apud Baeninger, 2017) acusa que um pequeno choque em determinada variável é capaz de gerar efeitos em todo o sistema e que a variável que causou o choque inicial pode vir a sofrer efeitos advindos das outras variáveis nas quais essa variável inicial exerceu o seu efeito. Em outras palavras, a mudança pode provocar novas mudanças que farão o sistema se movimentar na mesma direção para a qual foi impelido pela mudança inicial. Consequentemente, os processos sociais tenderiam a se tornarem cumulativos, aumentando gradativamente a sua força.

A teoria da causalidade cumulativa defende que alguns fatores socioeconômicos afetados pela migração (como a distribuição de rendimento, a distribuição de terra, a organização da agricultura, a cultura, a distribuição regional do capital humano) seriam os responsáveis pela continuidade da mesma, na medida em que a retroalimentação das decisões de migrar conduziria a acumulação das causas que se traduziriam em novas migrações.

Essa teoria possibilita explicar o processo de auto reprodução dos fluxos migratórios.

1.6 Teoria dos sistemas migratórios

Por fim, tem-se a teoria dos sistemas migratórios a qual faz uso da leitura espacial a fim de compreender a dinâmica migratória. De acordo com essa teoria, os fluxos migratórios são resultantes de contextos históricos particulares que adquirem uma dinâmica interna que confere a esses fluxos as características de um sistema. Essa teoria possibilita a identificação de regiões e países que alimentam fluxos importantes entre si, sendo o caso mais habitual as “redes macro-regionais” onde se tem uma região central (formada por um ou mais países) ligada a uma série de países emissores de migrantes (Peixoto, 2004).

A dinâmica de cada sistema migratório é particular e como tal leva a consolidação de relações particulares entre as regiões que compõem cada sistema. Assim sendo, os sistemas migratórios não devem ser entendidos como entidades estáticas, pois estão abertos à mudança e refletem as alterações que acontecem em suas partes constituintes.

Capítulo 2

2 A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA A INGLATERRA

O Brasil é um país marcado por processos migratórios de escala nacional e internacional, podendo-se afirmar que o fenômeno migratório está diretamente vinculado à história do país fazendo parte de sua configuração enquanto nação.

A partir do século XVI, com a chegada dos portugueses, iniciou-se um fluxo migratório entre o Brasil e a Europa Ocidental, o qual perdura até os dias de hoje. Esse fluxo foi fortemente influenciado ao longo dos séculos pelas circunstâncias históricas que ora estimularam ora desestimularam o movimento populacional, sendo importante ressaltar que até 1960 esse movimento era realizado predominantemente por europeus que se deslocavam rumo ao Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho (Sasaki Oliveira; Assis, 2000). A partir de 1960, o Brasil passou a ser um país que não apenas recebia pessoas de outros países, mas que também enviava pessoas para outros países, sendo que muitos dos que saíram nessa década e na década seguinte eram brasileiros que estavam sofrendo algum tipo de perseguição devido ao regime militar que se estabeleceu no país em 1964 (Sasaki Oliveira; Assis, 2000).

Esse relatório é fruto do projeto THEMIS (*Theorizing The Evolution of European Migration Systems* que pode ser traduzido como Teorizando a Evolução dos Sistemas Europeus de Migração) o qual realizado entre 2010 e 2014. O objetivo desse projeto era entender porque alguns fluxos migratórios para a Europa, dentre os quais está o fluxo estabelecido entre Brasil e Reino Unido, se tornaram sistemas de migração consolidados enquanto que outros simplesmente desapareceram ou estagnaram ao longo do tempo (THEMIS, P.2). Para o alcance desse objetivo foi realizado um estudo comparativo da evolução das experiências migratórias de indivíduos oriundos do Brasil, Marrocos e Ucrânia os quais se deslocaram para cidades do Reino Unido, Noruega, Holanda e Portugal.

De acordo com os dados levantados pelo relatório *Evolution of Brazilian Migration to the UK*, publicado em 2010, foi nessa época que teve início o fluxo migratório estabelecido entre Brasil e Reino Unido, de modo que os imigrantes brasileiros que realizaram a migração nessa década e na década seguinte eram, em sua maioria, requerentes de asilo político.

De acordo com os dados de CENSO Britânico, o número de brasileiros residentes em todo o Reino Unido durante as décadas de 1960 e 1970, oscilou entre 2.000 e 4.000 (THEMIS, p.6). Em 1980 fatores como desemprego, elevação da inflação, perda sistemática do valor real do salário e a queda da atividade econômica culminaram numa crise econômica nacional que, aliada à atratividade exercida por alguns países (que eram vistos como locais onde se poderia ter melhores oportunidades de ganho), levaram a um deslocamento de brasileiros que tiveram como principais destinos: Estados Unidos, Paraguai, Japão e Europa ocidental (Sasaki Oliveira; Assis, 2000).

É interessante expor que, embora a Inglaterra não estivesse dentre os principais destinos para a imigração brasileira na década de 1980, houve nessa década um aumento significativo no fluxo de brasileiros para esse país sendo que esse aumento se deu concomitantemente com a adoção, por parte da Inglaterra, de uma política de imigração restritiva. Essa situação paradoxal está associada à conjugação de três fatores: a partir dessa década o passaporte se tornou mais popular no Brasil; o depósito que era exigido na época do Regime Militar àqueles que deixavam o país deixou de ser cobrado; e, por fim, o fato de que o Brasil não estava na lista dos países que estavam sob o foco da Inglaterra no que tange ao controle severo da imigração nesse período (THEMIS, p.7).

Em 1990 o fluxo migratório para a Inglaterra continuou crescendo (THEMIS, p.8) e em 2000 houve uma forte aceleração no fluxo de brasileiros para o Reino Unido, sendo essa aceleração associada ao fato de que a migração para os EUA, principal país de destino dos brasileiros imigrantes, tornou-se mais difícil a partir de 2000 devido à adoção de políticas de migração severas por parte desse país após o atentado ocorrido no mesmo em 11 de setembro de 2001 (Margolis, 1998).

A partir de 2000, o fluxo migratório de brasileiros para a Inglaterra tornou-se não apenas intenso como também diversificado, sendo composto em sua maior parte por brasileiros que migravam motivados pelo desejo de obter melhores rendimentos no país receptor (THEMIS, p.10).

O relatório aponta que a migração dos brasileiros ao longo do tempo não sofreu mudanças apenas em sua escala, mas também em relação ao perfil dos imigrantes. Conforme as informações apresentadas nota-se que os migrantes da década de 1960, os quais eram em sua maioria exilados do regime militar estabelecido no Brasil em 1964, foram substituídos na década de 1980 por estudantes em busca de novas experiências e esses, por sua vez, somaram-se nas décadas seguintes a indivíduos que enxergavam a ida para a Inglaterra como uma estratégia de sobrevivência.

Quanto a localização geográfica dos imigrantes brasileiros, o relatório acusa que a comunidade de brasileiros passou por uma expansão geográfica na cidade de Londres ao longo do tempo, de modo que inicialmente os brasileiros se concentraram ao norte dessa cidade numa região denominada *Seven Sisters* e, com o passar das décadas, passaram a ocupar outras regiões da cidade.

Sobre o perfil dos imigrantes brasileiros residentes na Inglaterra tem-se o relatório *Brasileiros em Londres: Relatório para a Campanha de Estrangeiros a Cidadãos* (produzido em 2007 pelo Departamento de Geografia da *Queen Mary University of London*), o qual destaca-se como a primeira tentativa de mapeamento do perfil sociológico dos imigrantes brasileiros residentes no Reino Unido.

Os dados desse relatório foram produzidos a partir de informações coletadas por meio de questionários distribuídos em igrejas católicas e pentecostais situadas no centro e no leste da cidade de Londres, para que os frequentadores dessas instituições pudessem responder.

Esse relatório é fruto de uma pesquisa coordenada por Evans (pesquisadora do GEB, Grupo de Estudo sobre emigração de brasileiros no Reino Unido) para campanha *Strangers into Citizens* cujo objetivo era promover uma mudança na percepção das pessoas sobre os imigrantes (particularmente os migrantes irregulares) ao mesmo tempo em que solicitava a anistia de um contingente de imigrantes internacionais indocumentados para que esses pudessem ser regularizados e, conseqüentemente, adquirissem o status de cidadãos.

Houve um retorno de 423 questionários e, conforme as palavras da pesquisadora, “embora não se possa afirmar que tal número seja representativo de toda a comunidade brasileira, acredita-se que os dados refletem a situação de muitos brasileiros que vivem em Londres” (Evans, 2007, p.6).

Dentre os imigrantes brasileiros que responderam ao questionário, 51,5% eram homens e 48,5% eram mulheres, sendo interessante expor que essa proporção é similar àquela encontrada por Margolis (1998), em seu estudo sobre imigrantes brasileiros residentes em Nova York, onde a proporção de homens era somente um pouco maior do que a de mulheres. Quanto à faixa etária, 82% dos brasileiros entrevistados pertenciam à faixa etária de 18 a 40 anos, sendo a idade média registrada de 35 anos e meio (Evans, 2007, p.4). Com relação ao trabalho realizado pelos entrevistados, 32% trabalhavam no setor de limpeza (em escritórios e em residências particulares), 26% trabalhavam no setor de hotelaria ou em restaurantes, 13% em outros serviços (tais como esteticista, vendedores, trabalhadores de escritório, costureiras), 10% trabalhavam como motorista, 9% encontravam-se inseridos no setor de construção, 6% não responderam, 3% eram *baby sitters* e 1% estavam sem serviço (Evans, 2007, p.8).

Embora a maior parte dos entrevistados estivessem realizando trabalhos denominados pelo nativo inglês como *unskilled jobs*, que pode ser traduzido como “trabalhos não qualificados mais da metade dos brasileiros entrevistados (54%) haviam frequentado o ensino secundário e mais de um terço (36%) ingressou na graduação, sendo que destes, apenas a metade concluiu o terceiro grau (Evans, 2007, p.7). Tal fato, segundo Evans (2007), ocorre porque muitos dos imigrantes brasileiros não possuem fluência na língua local e / ou estão na condição de indocumentados.

Mais da metade dos entrevistados estavam na condição de indocumentados, ou seja, a maior parte dos entrevistados haviam permanecido no Reino Unido além do limite de tempo estabelecido em seus vistos. Tal condição coloca os imigrantes numa situação de extrema vulnerabilidade: não têm acesso a direitos trabalhistas, quase sempre trabalham por valores inferiores aos salários mínimos locais, estão sujeitos às denúncias, fazem jornadas de trabalho extensas e correm o risco de não receber pelo trabalho realizado (Goza, 2003).

Quando questionados sobre os motivos que levaram a realizar a migração, 25% dos entrevistados foram para Londres para estudar e trabalhar; 24% para trabalhar e poupar; 21% tinha como objetivo ficar em Londres para sempre; 16% tinham interesse em apenas estudar língua inglesa; 8% declararam outros interesses e 6% não responderam (Evans, 2007,p.7).

Frangella (2010) descreve tais imigrantes como *migrant workers*, ou seja, pessoas que se deslocam para outros países por razões prioritariamente econômicas. Segundo a autora, esses brasileiros têm por objetivo ganhar dinheiro para auxiliar a família no Brasil ou poupar dinheiro para voltar ao lugar de origem e melhorar suas condições econômicas. Percebe-se que a perspectiva dessa autora corrobora com a perspectiva neoclássica, a qual considera a migração como resultado de um cálculo racional onde aquele que migra os faz almejando obter melhores rendimentos no país receptor.

Os primeiros estudos sobre emigração brasileira (Sales,1991; Margolis,1994; Goza,1992; Sasaki,2000; Torresan,1994 apud Patarra, 2006), ao buscarem entender o que motivara a saída de milhares de brasileiros do país a partir da década de 1980 (tornando o Brasil, que até então era apenas receptor, também um emissor de imigrantes) também lançaram mão da perspectiva neoclássica ao considerarem que esse movimento tinha como principal motivo a crise econômica ocorrida nas décadas de 1970 e 1980.

Conforme elucidado por Patarra (2006), embora a perspectiva neoclássica se revele capaz de interpretar o movimento migratório iniciado no Brasil, a partir da década 1980, onde milhares de brasileiros se deslocavam para diversos países tidos como pólos de atração para os migrantes, ela não é capaz de explicar a perseverança/consolidação destes fluxos migratórios ao longo do tempo. Além disso, é preciso considerar que essa perspectiva supõe que aqueles que emigram são, predominante, os indivíduos mais pobres, fato que não corresponde aos dados apresentados pelo relatório elaborado por Evans (2007) e em outros estudos como o de Margolis (1994), onde uma considerável parcela dos imigrantes corresponde a brasileiros de classe média que possuem elevado nível de escolaridade.

A análise focada unicamente em fatores econômicos é criticada por autores como Alexander e Knowles (2005), os quais defendem que os estudos migratórios, enquanto

reflexões sociológicas, não devem interpretar a decisão pela migração apenas por um viés econômico, sendo importante levar em consideração o fato de que as decisões são subjetivas. Também é importante considerar que, no caso de movimentos contemporâneos, estamos lidando com uma estrutura histórica fortemente marcada pelo advento da globalização.

Capítulo 3

3 A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE OS FLUXOS MIGRATÓRIOS

A globalização é um fenômeno de caráter multidimensional cujos impactos ocorrem concomitantemente em termos políticos, culturais, sociais, ambientais e demográficos. Ao se buscar uma definição para o termo globalização, depara-se com uma série de definições: é a força condutora central por trás das rápidas mudanças sociais, políticas e econômicas que estão a remodelar as sociedades modernas e a ordem mundial (David Held, 1999 apud Campos; Canavezes, 2007, p. 13); é a integração mais estreita dos países e dos povos a qual resultou na destruição de barreiras artificiais à circulação transfronteiriça de mercadorias, serviços, capitais, conhecimentos e (em menor escala) pessoas (Joseph Stiglitz, 2004 apud Campos; Canavezes, 2007, p. 13); processo social por meio do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se conscientizam cada vez mais dessa redução (Malcom Waters, 1999 apud Campos; Canavezes, 2007, p. 13); processo que tem conduzido ao condicionamento crescente das políticas econômicas nacionais pela esfera mega econômica, ao mesmo tempo que se adensam as relações de interdependência, dominação e dependência entre os atores internacionais e nacionais (Mário Murteira, 2003 apud Campos; Canavezes, 2007, p. 14); a globalização é simplesmente uma versão atual do colonialismo (citado em Bonaglia, 2006 apud Campos; Canavezes, 2007, p. 14).

Percebe-se por meio dessas definições que a globalização é um fenômeno compreendido por alguns autores como a abertura de fronteiras nacionais que resulta na formação de uma sociedade mundial cada vez mais integrada e para outros como um processo que tem levado ao aumento contínuo da desigualdade entre as várias regiões do planeta. Nesse último caso, a globalização é interpretada como a mundialização do capital e como tal ela incorpora em si as características próprias da lógica do capital, que são: exclusão, desigualdade e seletividade (Santos, 2001).

O fenômeno da globalização corresponde ao crescimento da interdependência entre nações e países, causada pela expansão do sistema econômico mundial (Sales, 1996). Nesse contexto, o progresso de meios de comunicação (internet, telefonia celular), a redução de custos de transporte (especialmente do transporte aéreo), a expansão das atividades das corporações transnacionais, a gradual redução dos obstáculos (tarifas e medidas não tarifárias, taxas de exportação, subsídios), têm levado a intensificação do fluxo de bens, serviços e capital e pessoas.

Portanto, a globalização está, em muitos casos, atrelada ao fenômeno da migração. Segundo Sayad (1998), os fluxos migratórios contemporâneos devem ser compreendidos como resultado de um contrato entre países dominantes e dominados no cenário internacional. Concordando com essa perspectiva Sassen (2010) alega que os fluxos migratórios provenientes dos países em desenvolvimento não se proliferam de forma aleatória, mas seguem conexões cujas raízes se encontram no colonialismo, na guerra, na ocupação militar, no recrutamento de mão de obra e na penetração econômica.

Assim sendo, a compreensão da relação estabelecida, ao longo do tempo, entre as sociedades de partida e de chegada se mostra fundamental para entender as origens dos fluxos migratórios estabelecidos no contexto da globalização.

No caso da migração de brasileiros para a Inglaterra, percebemos que esse fluxo resulta, em certa medida, das relações estabelecidas entre o Brasil e outros países do continente europeu no passado, de modo que muitos dos brasileiros que residem atualmente de forma legal na Inglaterra são descendentes de europeus que migraram para o Brasil no passado. Por meio do reconhecimento de suas respectivas cidadanias européias, milhares de brasileiros desfrutam do direito de residir nos países europeus que compõem o acordo de Schengen (convenção entre países europeus sobre uma política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários), dentre os quais está a Inglaterra.

No início do século XXI a Comisión Económica para América Latina – Cepal (2002)

publicou o documento *Globalizacion y desarrollo* o qual contribuiu de maneira significativa (visto que foi publicado por uma instituição de renome) para a discussão acerca dos atuais rumos da globalização e suas respectivas implicações no que tange ao desenvolvimento dos países não-industrializados, ou seja, aqueles que são denominados como periféricos. De acordo com o conteúdo exposto nesse documento, ao promover a integração dos países a globalização realiza esse processo servindo às novas necessidades de reprodução do capital e manutenção do sistema econômico vigente. Portanto, é como se a economia mundial fosse um jogo no qual os países desenvolvidos desfrutam de condições privilegiadas mediante os países pobres:

(...) a economia mundial é um ‘campo de jogo’ essencialmente desnivelado, cujas características distintivas são a concentração do capital e a predominância no comércio de bens e serviços. Essas assimetrias características da ordem global constituem a base das profundas desigualdades internacionais em termos de distribuição de renda (CEPAL, 2002, p. 77).

Essas vantagens tendem a aumentar ao longo do tempo, pois os mecanismos de mercado geralmente reproduzem, e inclusive ampliam, as desigualdades existentes entre os países (CEPAL, 2002, p. 88). Assim sendo, pode-se dizer que a ampliação das desigualdades internacionais bem como o aumento das desigualdades internas nos países vem a ser “uma das características mais distintivas da terceira (e atual) fase de globalização.” (CEPAL, 2002, p. 83).

Segundo Wallerstein (1979 e 1986 apud Peixoto, 2004) o mundo possui uma divisão funcional e geográfica do trabalho, havendo três níveis hierárquicos: centro, semiperiferia e periferia. De acordo com esse autor, no centro estão os países onde surgem as demandas por mão de obra, enquanto que nas regiões periféricas estão os países de onde virão aqueles que irão atender tais demandas. Wallerstein (1979 e 1986 apud Peixoto, 2004), chama atenção para o fato de que esse mercado de trabalho internacionalizado vem a ser composto por países que apresentam uma forte desigualdade entre si o que favorece a legitimação da exploração do trabalho, pois os que migram das regiões periféricas o fazem dispostos a realizar trabalhos árduos por baixo salários.

Portanto, a inserção do migrante internacional no mercado de trabalho ocorre quase sempre através de ocupações precárias as quais são remunerados com salários baixos. Segundo Sassen (2010), o imigrante se sujeita porque, no cálculo de custo-benefício do migrante internacional, seu ponto de comparação vem a ser o rendimento recebido por ele em seu país de origem.

Dentre os diversos fluxos migratórios contemporâneos estabelecidos para sustentar as demandas dos países que compõem a região denominada por Wallerstein como centro, está o fluxo de brasileiros que se deslocam para a Inglaterra. Esse fluxo alimenta um sistema migratório consolidado que corresponde atualmente a uma das maiores comunidades de brasileiros residentes noutro país.

Ao analisarmos os fluxos migratórios (ocorridos dentro do contexto da globalização) devemos buscar compreender a ideologia que permeia a decisão pela migração, pois por trás da necessidade de ganhar dinheiro e melhorar de vida existe uma ideologia muito particular que deve ser identificada. Em seu estudo sobre a migração de brasileiros para Los Angeles Beserra (2003) alega que, embora o fator econômico seja um dos principais motivadores da emigração brasileira, por trás da necessidade de obter melhores rendimentos reside uma ideologia, de modo que o deslocamento de brasileiros para os Estados Unidos (e, por extensão, o Reino Unido), segundo essa autora, deve ser compreendido considerando-se a ideologia imperialista americana presente na sociedade brasileira.

Portanto, propagação ideológica, dentro do contexto da globalização, revela a relação direta entre o fenômeno das migrações e a expansão das novas tecnologias de informação e comunicação. Em outras palavras, a disseminação de valores que determinam os padrões hegemônicos de comportamento, contribuem para o crescimento dos deslocamentos em direção aos países desenvolvidos do Ocidente.

Capítulo 4

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Num primeiro momento foi realizado o levantamento bibliográfico, a fim de tomar conhecimento das teorias produzidas até então sobre o tema desta pesquisa. A partir deste levantamento constatou-se que a maior parte dos brasileiros residentes na Inglaterra realizam trabalhos desqualificados e que, dentre esses, há um percentual significativo de brasileiros que possuem nível superior de escolaridade. Assim sendo, a presente pesquisa pretende explorar experiências migratórias em que os imigrantes brasileiros realizaram algum curso de nível superior quando ainda estavam no Brasil a fim de compreender os motivos que repeliram esses brasileiros de seu país de origem, bem como os motivos que os levaram a escolher a Inglaterra como local de destino.

Trata-se portanto, de uma pesquisa qualitativa exploratória. Segundo Gil (1999), o estudo exploratório é realizado, sobretudo, quando o tema de pesquisa é pouco explorado tornando-se difícil formular hipótese precisas e operacionalizáveis.

4.1 Seleção da amostra

Sendo o objetivo desta pesquisa, buscou-se contatar brasileiros com esse perfil por meio de grupos, existentes no *facebook* e no *whatsapp*, formados por brasileiros residentes na Inglaterra. A pesquisadora, que é também uma imigrante brasileira residente na Inglaterra, divulgou a proposta de sua pesquisa em tais grupos de modo que aqueles que se interessaram em participar responderam disponibilizando-se a conceder as entrevistas.

Além desses brasileiros que foram contatados por meio dos grupos no *facebook* e no *whatsapp*, a amostra dessa pesquisa é composta também por alguns brasileiros que a pesquisadora conheceu pessoalmente quando já estava residindo na Inglaterra.

Trata-se de uma amostra composta por 12 brasileiros em que todos realizaram a migração de forma voluntária e residem no país na condição de documentados, ou seja,

nenhum dos entrevistados reside ilegalmente na Inglaterra. Os entrevistados residem em áreas distintas, não havendo portanto um critério de seleção quanto a localização geográfica dos entrevistados.

Os brasileiros entrevistados pertencentes a diferentes contextos sociais no Brasil e, por conseguinte, com distintas histórias de migração, apresentado como fator comum entre si o fato de terem investido em seu capital humano por meio da realização de algum curso de nível superior quando ainda residiam no Brasil. Um outro fato em comum é que todos os entrevistados são imigrantes de primeira geração.

4.2 O “relato de vida”

Para a realização das entrevistas recorreu-se ao método qualitativo relato de vida dentro de uma perspectiva etno-sociológica, proposta por Daniel Bertaux (1997). De acordo com o autor, o relato de vida é uma entrevista narrativa, segundo a qual o pesquisador solicita ao entrevistado que conte sua experiência.

De acordo com Bertaux (2005), o relato de vida é uma forma peculiar de entrevista que permite ao pesquisador acessar uma realidade sócio-histórica. Portelli (1997), se refere a esse método como uma ferramenta preciosa de pesquisa pois por meio da descrição no nível micro pode-se compreender o contexto social presente no nível macro. Isso acontece por que o relato oral se coloca justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social (Queiroz, 1988).

Trata-se portanto de um método que valoriza a perspectiva dos agentes sociais para a compreensão, reconstrução e explicação de processos sócio-históricos e culturais vivenciados por estes. A aplicação dessa metodologia será realizada na presente pesquisa por meio de 3 etapas:

1- Elaboração do roteiro para a realização de entrevistas (exposto no anexo desta pesquisa). O roteiro não é um questionário, mas um guia que permanecerá ao alcance (sobre a mesma por

exemplo) do entrevistador devendo ser consultado apenas ao final da entrevista (Bertaux, 2005).

2- Transcrição e organização dos relatos. A vida possui uma linearidade que é composta de sucessões de períodos, que por sua vez são repletos de acontecimentos e de situações que se realizam em âmbitos distintos, tais como familiar, grupo de amigos próximos, escolar e profissional, etc (Bertaux, 2005). Assim sendo, os relatos colhidos devem ser sempre estruturados em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos e situações, sendo importante identificar os seguintes elementos:

- a. Personagens.
- b. Relações estabelecidas entre os personagens.
- c. Descrição do contexto das ações e das interações.
- d. Razões por trás das ações dos sujeitos.

3- Análise dos relatos. Bertaux (2005), recomenda realizar comparações entre os relatos colhidos a fim de se identificar semelhanças e diferenças presentes na amostra analisada, para então realizar conclusões.

Capítulo 5

5 APRESENTAÇÃO DOS RELATOS DE VIDA

Após a transcrição, leitura e análise dos relatos, buscou-se identificar as categorias existentes nos discursos dos entrevistados.

Assim sendo, os relatos colhidos serão apresentados em tópicos, de modo que cada tópico agrupa em si os trechos dos relatos que revelam informações sobre: a emergência do desejo de migrar; fatores de atração, repulsão e obstáculos encontrados; quais eram as expectativas antes de migrar; qual a última ocupação profissional antes de sair do Brasil e a trajetória profissional após a migração; como os entrevistados percebem a própria trajetória profissional; quais são as expectativas quanto ao futuro profissional e se há intenção de retorno.

5.1 A emergência do desejo de migrar

A decisão de migrar pode, em alguns casos, ser precedida por um desejo oriundo das mais variadas causas, as quais estão intimamente ligadas a biografia de cada indivíduo. Dentre os entrevistados, alguns nunca haviam cogitado morar num outro país antes de tomar a decisão de fazê-lo (antes de decidirem migrar) enquanto que os outros já tinha esse desejo latente, embora não houvesse ainda um projeto de migração.

A gente pensava em migrar mas era aquele pensamento bem superficial, nada certo. Sabe aquele sonho distante? A gente pensava muito em Portugal. Pensava, ah a gente vai e tira toda a documentação e mora em Portugal. Mas era só isso, um pensamento distante, a gente não achava que ia acontecer [Paula].

Ele (esposo) sempre comentava, mas eu falava que eu não tinha essa vontade. Ficar longe da minha família, dos amigos... eu não pensava nisso não, mas aí veio a crise financeira no Brasil e ele começou a falar sobre esse assunto da migração [Ingrid].

Já tinha pensado em sair do Brasil. Eu sempre gostei de inglês né, sempre gostei de bandas inglesas e sempre tive vontade de conhecer outros lugares [Renato].

Eu já sentia vontade, mas nem comentava sobre isso com as pessoas. Era uma coisa que eu pensava mas não tinha ainda um projeto elaborado [Isabela].

Obviamente nem todos aqueles que desejam emigrar para um outro país de fato o farão, entretanto, conforme veremos no tópico a seguir esse desejo pode vir a tornar-se uma decisão em função dos fatores de atração e repulsão presentes na biografia do indivíduo.

5.2 Fatores de atração e repulsão

Embora o modelo *push pull* tenha sido construído a partir da análise de fluxos que se configuram de forma distinta dos fluxos contemporâneos, a ideia de que existem fatores que repelem os indivíduos de uma dada região e fatores que atraem esses mesmos indivíduos para uma outra dada região ainda se revela interessante para a compreensão das causas que culminam na escolha pela migração.

Karina

Karina nasceu em 1970, na cidade de Fortaleza, e aos dois anos de idade (1972) mudou-se para Brasília acompanhando sua mãe. Aos 20 anos (1990) ela, que estudava inglês desde os setes anos de idade (em cursinho particular), decidiu ir passar um tempo na Inglaterra com o intuito de melhorar sua fluência em inglês permanecendo nesse país até 1992. Durante esse período hospedou-se na casa de uma tia que residia na cidade de Leeds (norte da Inglaterra) onde cursava doutorado.

Durante essa estadia na Inglaterra Karina conheceu Gary, seu atual esposo, que é inglês, na igreja em que frequentava em Leeds e eles iniciaram um relacionamento que se estendeu até pouco tempo após a volta de Karina para o Brasil.

Ao voltar pro Brasil Karla passou a trabalhar como professora de inglês e cursou direito. Após a conclusão da graduação ela passou a trabalhar como advogada, mantendo o trabalho como professora de inglês que, segundo ela, sempre foi sua principal fonte renda.

Sempre, durante a minha vida inteira, mesmo quando eu fazia faculdade eu dava aula de inglês, depois de me formar eu dava aula de inglês. Eu costumo falar que eu prefiro uma sala de aula do que uma sala de audiência, por que eu sempre fiz do meu ganha pão a aula de inglês.

Em 2003 Karina e Gary reataram e ele se mudou para o Brasil, porém como não conseguiu trabalhar em sua área de formação (designer), passou a trabalhar como professor de inglês. Embora tenha se adaptado bem ao Brasil, Gary sentia-se insatisfeito profissionalmente, pois conforme as palavras de Karina, ele detestava dar aulas de inglês.

Muito difícil pra ele lá no Brasil, só podia dar aula de inglês. Não tinha campo para ele e ele detestava dar aula de inglês.

Com o passar do tempo eles tiveram uma filha e quando foram registrá-la na embaixada, para que ela pudesse ter a cidadania inglesa, foi exigido que apresentassem a certidão de casamento e, como Karina e Gary não eram oficialmente casados, pediram que fosse apresentado um exame de DNA comprovando a paternidade, o que Gary negou-se a fazer por achar essa exigência descabida.

Além do descontentamento profissional do esposo de Karina e do fato de não terem conseguido registrar a filha no consulado um outro fato passou a contribuir repelindo Karina do Brasil, o escritório de advocacia em que ela trabalhava (e era sócia) teve um importante contrato de prestação de serviço cancelado.

Eu tinha um grande contrato com a polícia civil do DF (Distrito Federal) e teve uma mudança de diretoria do sindicato e como tudo é política lá no Brasil o meu escritório perdeu o contrato e aí juntou isso e falei: vamo embora?

Temos portanto uma conjunção de situações que culminaram na decisão pela migração que ocorreu em 2005. Ao analisarmos os fatores que repeliram Karina do Brasil nos deparamos com apenas um fator de cunho econômico (que corresponde a perda que escritório onde ela era sócia teve de um importante contrato para prestação de serviço) o qual, atuando

isoladamente, possivelmente não teria sido capaz de provocar a migração. Os outros dois fatores são pessoais e estão intimamente ligados a biografia de Karina.

Podemos afirmar que a decisão de Karina pela migração, bem como a escolha pela Inglaterra como local de destino, se deve a sua relação com Gary que atua como um elo de conexão entre ela e a Inglaterra. Foram as irmãs de Gary que auxiliaram Karina na transição para a Inglaterra, conforme as palavras de Karina, “Ela fizeram tudo, alugaram a casa e compraram as coisas, quando a gente chegou elas já tinham resolvido tudo, mobiliado a casa (...) até talher já tinha”.

Quanto aos obstáculos, Karina não teve nenhum empecilho na realização da migração. Pouco após a sua chegada na Inglaterra ela se casou no Gary o que lhe conferiu o direito de viver nesse país.

Em 2009 a filha mais velha de Karina, oriunda de uma relacionamento que ela teve antes de reatar com Gary, começou a lhe indagar sobre o fato de estar distante do pai biológico e, com receio das consequências dessa afastamento entre a filha e o pai biológico, Karina decidiu retornar para o Brasil, o que ocorreu nesse mesmo ano.

A volta foi pesada, foi ruim, porque em Brasília a grande maioria da população é servidora pública e como eu já tava fora do mercado de direito eu decidi estudar pra concurso e passei um ano estudando pra concurso e nao passei em nenhum, então eu voltei a dar aula de inglês. Dessa vez eu vivia só de dar aula mesmo. Gary já voltou e foi dar aula de inglês.

Ao retornar, Karina passa a atuar no mercado de trabalho apenas como professora de inglês lecionando numa escola que, segundo ela, é a mais bem conceituada em Brasília.

Em 2015 sua filha mais velha realizou um intercâmbio (por um ano) para a Nova Zelândia onde desfrutou de uma liberdade até então inédita, pois Karina, temerosa quanto a violência no Brasil, privava a filha de fazer muitas coisas.

Você conhece Brasília? As pessoas não sabem, mas Brasília é muito violenta a gente vivia em bolhas que são os condomínios fechados (...) se a menina (filha mais nova) fosse na casa da vizinha (...) eu ficava no portão olhando com medo de entrar um carro no condomínio, tinha casa em construção ainda, a gente num sabe... um pedreiro desse pegava e botava uma menina dessa dentro de uma obra dessa.

Ao retornar do intercâmbio a filha de Karina estava convicta de que não queria mais morar no Brasil, pois desejava viver com mais liberdade e sabia que no Brasil isso não seria possível. Assim sendo, mediante esse desejo da filha somado ao medo que sentia em relação a violência que assola o Brasil, Karina decidiu migrar novamente com a família para a Inglaterra.

Vimos para Inglaterra em 2016 começar do zero de novo, por que eu desempregada e ele desempregado. Foi mais ou menos um ano de preparação pra gente vir. Como a gente trabalhava numa escola grande e tinha muitos anos de trabalho na escola, então a gente tinha um dinheiro razoavelmente bom para recomeçar a vida aqui. A gente foi pra uma casa alugada e dessa casa alugada viemos pra essa casa aqui, que é a casa onde a gente morou quando viemos pela primeira vez em 2005. Essa casa agora é nossa, compramos ela.

Essa segunda decisão pela migração resulta de fatores distintos daqueles que levaram a família a migrar pela primeira vez para a Inglaterra. Dessa vez, o principal fator de rejeição do Brasil vem a ser a violência.

De todos os motivos que move as famílias que estão aqui eu penso que a principal razão seja a segurança, a minha filha mais velha sai muito. Claro que aqui também tem violência, mas é muito diferente do Brasil. Se eu tivesse no Brasil eu já tinha enlouquecido. A pequena vai pra escola de ônibus e isso no Brasil eu jamais deixaria.

Karina comentou ao longo da entrevista que acredita que na Inglaterra as filhas poderão ter um futuro melhor do que viriam a ter no Brasil.

A questão da segurança me prende muito aqui, mas eu também penso que pro futuro delas aqui é melhor, por que em Brasília é muito assim.. você é filho de quem ou então tem que fazer concurso né, e elas não tem perfil pra isso ou interesse. A mais velha quer fazer psicologia e depois quer trabalhar em ONG, ou seja, no Brasil ia morrer de fome e a mais nova quer fazer biologia marinha...lá em Brasília (risos) isso seria impossível.

Portanto, enquanto a violência atuou como fator repulsivo, a segurança e a possibilidade das filhas terem um futuro profissional melhor do que teriam no Brasil atraíram Karina para a Inglaterra.

Desta vez Gary mudou-se primeiro, hospedando-se na casa da prima de Karina (que morava há alguns anos em Leeds juntamente com seu esposo, um inglês, que conhecera ao visitar Karina na Inglaterra para a ocasião de seu casamento) e alguns meses depois Karina migrou com as filhas indo morar em uma casa que havia sido alugada por Gary, antes de sua chegada com as filhas.

Ingrid

Ingrid nasceu em Tupã (São Paulo) em 1980 e residia em Piracicaba antes de migrar para a Inglaterra. Ela relatou que nunca havia cogitado migrar, ao contrário do seu esposo que costumava demonstrar vontade de ir viver em outro país.

Eu não pensava em morar em outro país. Mas aí começou a vir a crise financeira no Brasil, as vendas na empresa onde meu esposo era sócio e eu era funcionária caíram muito. Aí ele começou a falar que não tava legal por que a gente mal tava conseguindo pagar as contas. Final de 2016 já não tava legal e em 2017 ele já falava em fechar, em procurar outra coisa, e aí ele vinha me trazendo aos poucos essa ideia de morar fora. No final de 2017 ele chegou até a fazer uma entrevista e a gente achou que ele ia conseguir um emprego mas não deu certo.

A dificuldade para arcar com os gastos da família, devido a queda da receita da empresa onde o esposo de Ingrid era sócio, juntamente com a falta de perspectiva do esposo de Ingrid em conseguir se inserir no mercado de trabalho, fizeram com que a migração se tornasse uma alternativa, pois o casal estava tendo dificuldade para arcar com os gastos que tinham.

Lá no Brasil ralava ralava ralava e num sobrava, aliás faltava ou pra fazer uma viagem ou pra fazer alguma coisa..num dava e meu marido falava que não queria passar a vida inteira trabalhando e ainda não dando nem pra pagar as contas no final do mês, então aqui a gente acredita que vai conseguir conquistar mais coisas.

Enquanto o fator econômico atuou repelindo Ingrid do Brasil, outros dois fatores atuaram atraindo ela para a Inglaterra, conforme podemos constatar em seu relato:

Como falei, ele tinha vontade de morar fora do Brasil, mas eu não. Mas aí o que acontece... a motivação para mim era poder oferecer pra minha filha uma condição melhor. Aqui a gente vai poder dar algo que a gente não poderia dar pra Luisa no

Brasil então pra mim a motivação maior foi isso, pensando na minha filha então eu passei por cima sabe de..de conforto de tá perto de família, né (...) poder oferecer para a Luisa a oportunidade de estudar em uma boa escola. Tem também a segurança. No Brasil é tudo muito difícil é tudo muito caro e a gente sabe assim que batalhando aqui na Inglaterra a gente pode realizar o sonho de ter a casa própria, esse sonho fica mais mais próximo aqui do que no Brasil.

Portanto, embora emigrar não fosse um desejo de Ingrid, mas de seu esposo, ela decide apoiá-lo por acreditar que a migração seria uma alternativa para solucionar o problema financeiro da família ao mesmo tempo em que possibilitaria que sua filha tivesse acesso a uma boa escola. Ela também cita o fator segurança, como algo que a motivava a ir para a Inglaterra.

A decisão pela migração foi tomada no final de 2017 e em março de 2018 o esposo de Ingrid viajou para a Itália para realizar o processo de reconhecimento de sua cidadania italiana sendo que, para tal, contratou uma empresa de assessoria na Itália onde permaneceu por alguns meses aguardando a realização do processo.

Enquanto ele esteve na Itália eu fui pra Tupã pra ficar com meus pais lá, depois ele veio pro Brasil ficou um pouco e nós fomos pra Itália pra finalizar o processo. Lá ficamos um mês antes de vir pra Inglaterra.

A decisão pela Inglaterra se deve ao fato do esposo de Ingrid ter uma prima que já residia nesse país. Essa prima auxiliou com informações sobre a vida na Inglaterra e auxiliou o casal em sua chegada.

Foi tudo esquematizado, essa questão de tirar cidadania e vir pra Inglaterra por que aqui tem essa prima dele aqui. Então a gente foi conversando com ela e ficou sabendo que daria pra viver aqui. A gente chegou e foi pra casa da prima dele, poucos dias depois alugamos nossa casa. Meu marido também seguia um canal do youtube e foi pegando todas as dicas que ele dava, então a gente já sabia sobre custo de vida e essas coisas.

Portanto, além da prima do esposo de Ingrid, uma outra fonte de informações utilizada pelo casal foi o *youtube*. Essa plataforma de compartilhamento de vídeos está repleta de canais criados por migrantes que gravam e compartilham em seus respectivos canais vídeos em que divulgam informações sobre suas experiências migratórias e por conseguinte sobre o

local onde vivem. As informações por eles compartilhadas contribuem fortemente para a construção do imaginário do migrante potencial a respeito do local de destino.

Fabricio

Fabrizio nasceu em 1977 em Curitiba. Em 2002 ele migrou para os Estados Unidos da América onde permaneceu até 2008 quando retornou para o Brasil indo morar em Santa Catarina. Ele alega que retornou para o Brasil devido a crise econômica nos Estados Unidos e também por sentir falta de amigos e familiares que havia deixado em seu país de origem.

Quando você fica fora, você se lembra das coisas boas né..tem saudade e tal da família amigos e essas coisas, e também a gente acaba esquecendo de certas dificuldades do Brasil.

A distância do Brasil fez Fabrizio sobrevalorizar os fatores positivos de seu país de origem e ao mesmo tempo subvalorizar os fatores negativos. Assim sendo, de volta ao Brasil, ele se sente desapontado com a realidade com a qual se depara.

Quando você volta e entra em contato com tudo isso de novo...salários são ruins, o custo de vida é alto, a corrupção é absurda aí você começa a cansar né..vai cansando e você começa a querer sair de novo.

O fator econômico atua repelindo Fabrizio do Brasil, porém esse não vem a ser o único fator. Ele reclama da corrupção e notamos em sua fala um desencantamento em relação ao Brasil.

Quanto a ida para a Inglaterra, não se trata de uma escolha, mas sim de uma questão circunstancial, uma vez que ele migrou acompanhando sua namorada que por sua vez recebeu uma proposta de emprego nesse país.

Durante a entrevista notei que Fabrizio não estava à vontade, de modo que suas respostas eram sempre vagas e pouco detalhadas (ao contrário dos demais entrevistados). Confesso que até cogitei que talvez ele estivesse agindo assim por estar residindo ilegalmente,

porém descartei essa hipótese já que ele está tentando se inserir num programa de capacitação para professores, o que só poderia ser feito por um residente legalizado.

No início da entrevista ele disse que tinha um compromisso naquele dia de modo que teríamos que retomar a entrevista depois, porém quando contactado novamente para agendarmos a continuação da entrevista ele não retornou.

Jessica

Nascida em 1982, no Rio de Janeiro, mudou-se para os Estados Unidos aos 8 anos de idade, onde residiu até os 13 anos juntamente com sua mãe, o irmão e o pai, que foi quem decidiu pela migração da família para esse país.

Meu pai tinha visto de estudante, ele foi estudar lá. Ele foi fazer MBA, primeiro ele fez um preparatório, mas ele acabou não fazendo o MBA. Ele ficou trabalhando e a gente ficou lá por cinco anos.

Ao retornar para o Brasil com sua família Jéssica foi morar no Rio de Janeiro e lá ela permaneceu até sua migração para a Inglaterra. Ela relata que já tinha cogitado morar em outro país e que seu entusiasmo aumentou quando seu irmão retornou de um intercâmbio que ele realizou para a Inglaterra em 2013.

César serviu missão em meados de 2013 a meados de 2015 ele voltou pro Brasil, mas não se adaptou. Ele decidiu que queria voltar e tinha um monte de gente convidando ele pra voltar, então ele voltou pra cá em fevereiro de 2016 e em outubro de 2016 a gente veio.

Jessica, que já sentia-se entusiasmada com a ideia de viver a Inglaterra, devido os relatos positivos do irmão sobre esse país, tomou a decisão de realizar a migração quando ficou sabendo, por meio do seu irmão (que já havia migrado para a Inglaterra), que a cirurgia que seu filho, que fora diagnosticado como surdo aos 4 meses de idade, necessitava fazer para recuperar a audição, cujo custo era de aproximadamente 80 mil reais, era realizada gratuitamente na Inglaterra por meio do sistema público de saúde.

A gente descobriu que o meu filho era surdo (...) quando ele tinha uns quatro meses a gente levou ele num médico particular que descobriu que ele era surdo. Falou que tinha um implante, mas não teria como fazer essa cirurgia no Rio só teria em São Paulo e que era pra gente se preparar para desembolsar uns 80 mil reais. Aí a gente ficou desesperado e quando a gente descobriu meu irmão já tava na Inglaterra, aí ele falou pra gente vir pra cá. Eu já tinha cidadania portuguesa, por que meu pai passou pra gente quando a gente era criança, então a gente podia vir legalmente para Inglaterra.

Um outro fator que colaborou para sua decisão de migrar foi o fato de que em 2014 a casa onde morava no Rio fora invadida enquanto ela e seu esposo dormiam, o que a deixou insegura em relação a violência do Brasil .

A casa que a gente morava no Rio tinha sido invadida e isso fez a gente começar a pensar em ir pra um lugar que a gente pudesse dormir tranquilo. Isso foi antes de eu engravidar, eles entraram na nossa casa e a gente tava dormindo. Nossa, foi horrível.

Portanto, a descoberta de que na Inglaterra o filho teria acesso gratuito ao tratamento necessário para a recuperação de sua audição, somado ao receio de Jessica em relação a violência no Brasil, fizeram com que ela se decidisse, juntamente com seu esposo, pela migração para a Inglaterra.

Jessica migrou em outubro de 2016 indo morar na mesma casa em que seu irmão estava morando. Essa casa pertence a um senhor inglês que, na época, alugava os quartos do imóvel onde residia.

Jessica permaneceu nesta casa por cerca de 3 meses, mudando-se para a casa onde reside atualmente. Ela relata que teve sorte, pois ganhou, por meio de doações (de membros da igreja que frequentava e da namorada do proprietário da casa onde estava residindo), boa parte dos móveis que utilizou para mobiliar sua casa.

Quanto ao tratamento do filho, o mesmo foi operado e segue sendo assistido gratuitamente.

Raissa

Nascida no Espírito Santo em 1985, mudou-se para São Paulo aos 22 anos de idade. Após algum tempo morando em São Paulo conheceu uma pessoa com quem passou a se

relacionar e juntos decidiram migrar para o EUA em 2010. Migraram com visto de estudantes e moraram nos Estados Unidos entre 2010 e 2012.

Ao contar sobre sua ida para os EUA Raissa relatou que sua principal motivação para migrar foi o seu desejo de aprender inglês, pois acreditava que o domínio desse idioma poderia lhe assegurar uma boa colocação no mercado de trabalho futuramente.

Nos Estados Unidos morou inicialmente na Flórida (na casa de seu pai que já residia há anos nesse país), porém por causa dos conflitos que veio a ter com seu pai e do seu descontentamento com o trabalho que estava realizando, decidiu mudar-se como o namorado para a Califórnia, onde residia sua cunhada.

Em 2012 retornou para o Brasil e, segundo ela, a decisão de regressar foi tomada em conjunto com o namorado que pretendia fazer um curso de aviação no Brasil.

De volta ao Brasil ela e o namorado foram morar em Porto Alegre e, sobre seu retorno, ela relata que se sentia muito infeliz no Brasil, o que a fez decidir migrar novamente para os Estados Unidos, junto com o namorado, no final do ano de 2012.

Na verdade eu nem me via mais morando no Brasil. Essa falta de oportunidade sabe, não existe oportunidade no Brasil, é muito difícil você crescer profissionalmente, as pessoas não são valorizadas, então assim... desde o primeiro dia que eu pisei nos Estados Unidos em 2010 eu vi que o Brasil era um país atrasado, sem jeito, não tem futuro não..

Sobre o motivo do retorno em 2015, Raissa não dá detalhes, mas deixa subentendido que esse retorno foi ocasionado por um desentendimento entre ela e o namorado. Assim sendo, ao regressar para o Brasil, Raissa retorna para a sua cidade natal.

Em 2015 quando eu cheguei eu não trabalhava, eu não conseguia me adaptar com o país de novo, então eu praticamente entrei em depressão no período que eu cheguei no Brasil, cheguei a ficar dois meses sem sair de casa por que eu não conseguia me adaptar com as pessoas, com o país, com o clima (...) ninguém cresce, ninguém tava crescendo naquela cidade, as mesmas coisas, era tudo na mesma e isso me deu depressão por que eu não via mudança ali e eu ficava mais deprimida de pensar em ficar ali, sem sair da mesma posição.

A falta de perspectiva fez com que Raissa se sentisse repelida do Brasil, pois não enxergava em seu país de origem oportunidades no âmbito profissional. Passado algum tempo após seu retorno, ela conheceu seu atual companheiro e antes de se casarem ela descobriu que ele tinha direito a cidadania italiana de modo que, ao saber disso, incentivou ele a realizar o processo para reconhecimento de sua cidadania. Em seu relato, ela conta que o processo foi feito no Brasil num período que durou aproximadamente 6 meses.

Após a finalização do processo de reconhecimento da cidadania italiana o casal passou a pesquisar sobre locais para viver na Europa, vindo a escolher a Inglaterra como local de destino. Ao pesquisar sobre as cidades inglesas descobriram Leeds e, de acordo com seu relato, ela e o esposo se apaixonaram pela cidade.

Como não conheciam ninguém que morasse na Inglaterra, pesquisaram por grupos de brasileiros residentes em Leeds no facebook e, por meio de alguns desses brasileiros com quem conversaram, adquiriram informações sobre custo de vida nessa cidade, disponibilidade de empregos, etc.

Ao chegar em Leeds se hospedaram num quarto que haviam alugado, por meio de um site cujo nome Raissa não se recordou, quando ainda estavam no Brasil. Não gostaram desse quarto e foram para um hotel. Deste hotel foram para a casa onde residem atualmente.

Paula

Nascida em 1981 em Brasília, local onde morava antes de migrar. Paula relatou que migrar era um sonho distante até o ano de 2016, quando reencontrou uma amiga que morava na Inglaterra e essa lhe contou sobre as vantagens de viver na Inglaterra, encorajando Paula a migrar com a família para esse país.

Migrar era um sonho distante. Acontece que eu tinha uma amiga aqui na Inglaterra que já mora faz muito tempo aqui e um dia a gente se encontrou lá em Brasília e ela deu força pra gente sabe, a gente ficou bem entusiasmado por que ela falou que na Inglaterra as oportunidades de empregos são melhores, a saúde e a educação são gratuitas e tem a questão da segurança, então assim. a gente pagava praticamente todo o nosso salário em saúde e educação né. Então a gente teve uma conversa em família e decidi vir pra cá.

Em 2017 Paula decidiu, juntamente com seu esposo, migrar para a Inglaterra e, no ano seguinte, seu esposo e a irmã dele viajaram para Portugal onde deram entrada no processo de reconhecimento da cidadania portuguesa. Quando questionada sobre os motivos que a fizeram querer sair do Brasil, percebemos que o fator econômico vem a ser o principal motivo de sua decisão.

O que me motivou foi essa falta de oportunidade em primeiro lugar. A gente não tinha uma vida muito ruim, não posso reclamar, a gente morava num apartamento legal, meu marido tinha um emprego que não era o emprego dos sonhos, mas era um emprego que dava pra sustentar a gente. Em termos né. A gente teve ajuda da minha mãe e da minha cunhada. Sabe aquela coisa de um ajuda daqui, outra pessoa ajuda dali, pagando uma conta. Como tinha sempre essa ajuda a gente queria migrar pra não ter que depender dessa ajuda. Também teve a questão de pensar na educação das minha filhas e a educação aqui é muito melhor para as minhas filhas.

Em março de 2018 a filha mais velha de Paula (que na época tinha 17 anos) migrou na frente da família indo morar com a amiga de Paula (a mesma com quem havia se encontrado anteriormente em Brasília e lhe incentivou a realizar a migração). Cinco meses após a mudança da filha (que foi antes em função da diferença entre Brasil e Inglaterra em relação ao início e término do ano letivo), Paula migrou acompanhada de sua outra filha, esposo, cunhada e os dois filhos desta. Para custear a migração venderam o carro que tinham e usaram de uma reserva financeira.

Ao chegar em Leeds foram residir numa casa que haviam alugado quando ainda estavam no Brasil.

Minha filha e minha amiga procuraram e encontraram essa casa. Alugamos ainda do Brasil, era uma casa para sete pessoas e pra alugar tivemos que adiantar seis meses de aluguel. Morava eu, meu esposo, minhas duas filhas e a minha cunhada com os filhos.

A escolha do país e até mesmo da cidade para onde migraram teve influência da amiga de Paula. Essa amiga foi a principal fonte de informação sobre como era a vida na Inglaterra e, além disso, auxiliou a família hospedando a filha de Paula e posteriormente na busca pela casa onde a família iria morar.

Na ocasião da entrevista Paula e sua família iam se mudar dessa casa onde foram morar ao chegar, pois o imóvel havia sido alugado no nome do esposo da cunhada de Paula, que decidira retornar com os filhos para o Brasil, pois não conseguiram se adaptar.

Frederico

Frederico é esposo de Paula e nasceu no Rio de Janeiro em 1981, vindo a mudar-se para Brasília aos seis anos, onde permaneceu até a data de sua migração que ocorreu em março de 2018.

Foi assim, bem antes de viajar a gente deu entrada no processo lá do Brasil mesmo. A gente que fez tudo, sem contratar empresa, apenas com ajuda de algumas pessoas que já tinham feito o mesmo processo. Essas pessoas foram dando as orientações e aí a gente fez todo o processo. Depois que a gente mandou a documentação para Portugal eles mandaram uma carta falando que tava tudo ok, e de posse dessa carta você pode retirar seus documentos lá em Portugal, você paga uma taxa emergencial e tira a documentação na hora. Então a gente se programou para passar por Portugal antes de vir pra Inglaterra, a gente ficou 4 dias lá pra pegar os documentos e já entramos na Inglaterra com passaporte europeu.

Antes de migrar, Frederico acompanhava alguns youtubers para ter uma ideia de como era viver na Inglaterra .

Você entra no canal de youtube e a pessoa vende um sonho e você chega aqui e vê que é bem diferente da realidade dessas pessoas que deram certo de forma rápida, enfim...

Portanto, além da amiga de sua esposa, a plataforma *youtube* também foi uma fonte para obter informações sobre o local de destino, entretanto, ao chegar na Inglaterra Frederico se deu conta de que a realidade era diferente daquilo que alguns *youtubers* divulgam em seus respectivos canais. Muitos desses youtubers, almejando chamar a atenção do migrante potencial, “douram a pílula” apresentando uma imagem supervalorizada acerca da vida fora do Brasil.

Ao longo da entrevista Frederico comentou que estava muito chateado com o fato de sua irmã e seus sobrinhos não terem conseguido se adaptar.

O fator econômico para Frederico, assim como para sua esposa, exerceu forte influência na decisão pela migração.

No Brasil você não vive, o dinheiro todo era só pra pagar conta.

Renato

Renato nasceu em 6 de julho de 1984 em Belo Horizonte. Em meados de 2005 um tio visitou a avó paterna de Renato levando consigo a cópia de todos os documentos que ele havia utilizado para realizar o processo de reconhecimento de sua cidadania italiana. Em 2006 Renato se inscreveu no consulado italiano de sua cidade para realizar o processo de reconhecimento de sua cidadania italiana.

A parte mais difícil meu tio já tinha feito que era fazer o levantamento genealógico e identificar quais eram os cartórios onde teria que ir pedir a documentação para apresentar no consulado. Por que o trabalhoso é isso né, saber onde cada antepassado nasceu, onde morreu, saber quem casou, quem separou enfim, eu não teria feito se tivesse que ir sozinho atrás de tudo isso e também não teria dinheiro pra pagar uma empresa pra fazer essa pesquisa dos documentos.

Sobre os motivos que o levaram a querer sair do Brasil, ele diz:

Foram vários motivos. Eu queria buscar opções melhores pra mim de vida, qualidade de vida, oportunidades, então foi juntando isso tudo. Quando eu fiquei sabendo que tinha a possibilidade de ter cidadania italiana eu vi nisso uma oportunidade pra eu poder viver em outro país. Eu não tinha grana pra viajar, fazer intercâmbio(...) era um desejo que eu já tinha, eu sempre quis morar fora.

Ao final de 2016 o processo foi concluído e, tendo em mãos o passaporte italiano, ele tomou, juntamente com sua esposa, a decisão de migrar.

No Brasil tudo é muito caro, qualquer coisa que seja um pouco melhor é absurdamente caro. Eu sou músico e sempre foi difícil comprar os equipamentos que eu precisava. A primeira guitarra que eu tive foi cara, era uma guitarra boa, me roubaram ela quando eu tava indo pra um ensaio. No Brasil você tem uma sensação de uma roleta russa, a qualquer momento essa roleta russa pode pegar você e você pode ser estraçalhado. Quando eu já tava querendo sair do Brasil teve também o roubo do nosso carro, a gente foi assaltado a mão armada e tava com meu filho no

carro, aquele medo... senti muito, por que você pensa em todos os casos que você viu de violência. Pegaram uma pessoa no estacionamento do shopping, perto lá de casa, e enforcaram com uma cadarço de tênis, jogaram o corpo na lagoa e foram com o carro da vítima pro baile funk. A violência me expulsou do Brasil, eu tenho filho e criar meu filho nesse ambiente não era algo que eu queria. Pensei muito em ter arma, não só em casa mas andar com uma mesmo, isso passava na minha cabeça sempre. Então pensei: não quero viver nisso.

O discurso de Renato revela uma forte indignação de sua parte em relação a violência no Brasil, assim sendo, a busca por segurança vem a ser o principal motivo de sua mudança de país. Além desse fator, há também o fator econômico, pois Renato considera o custo de vida no Brasil elevado. Sobre a escolha do local para onde migrar, Renato diz:

Eu tinha que escolher um país da Europa. Se eu pudesse eu acho que eu teria ido para o Estados Unidos. Mas lá não tinha como porque tem essa questão do documento. Aqui eu conhecia uma pessoa, mas não pessoalmente. É um parente do marido da minha mãe. O sobrinho do marido da minha mãe que mora aqui. E... tem também outros sobrinhos do meu padrasto que moram aqui, outras pessoas da família que moram aqui já tem mais de 10 anos. Esse sobrinho de quem eu falei mora aqui já fazem 3 anos. Quando eu entrei com a documentação pra fazer o processo da cidadania eu e esse sobrinho começamos a trocar ideias, e ele foi me expondo as vantagens de morar aqui. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi o fato de que ele conseguia viver uma vida digna, morar numa casa decente, trabalhando de uma forma sem ser um escravo, porque aquilo que ele não conseguia o estado complementava a renda. E eu buscava qualidade de vida e essa questão de saber que haveria esse apoio que poderia complementar a minha renda, caso eu não conseguisse uma renda suficiente, fez eu me senti seguro para poder mudar com a minha família. Outro fator importante é que eu já falava a língua.

Ao chegar à Inglaterra Renato hospedou-se na casa de Jean, um sobrinho de seu padrasto com quem ele havia entrado em contato antes de migrar. Permaneceu nesta casa (situada numa cidade dormitório no entorno de Londres) por aproximadamente 40 dias, período em que providenciou o *insurance number* e abriu uma conta bancária.

Posteriormente ele foi para Leeds, cidade escolhida por ele quando ainda estava no Brasil. Em Leeds, hospedou-se inicialmente em um quarto alugado por meio do *Airbnb* onde permaneceu por poucos dias até alugar um quarto numa casa compartilhada (por meio de uma imobiliária inglesa) onde permaneceu até a chegada de sua esposa e filho.

Eu vim pra Leeds, mas eu não conhecia ninguém aqui. Morei perto de Londres inicialmente, mas só pra me organizar. Foi o tempo necessário pra eu tirar o

insurance number, abrir conta no banco e fazer essas coisas. Londres é muito caro, fora de cogitação. Ainda no Brasil, pesquisando sobre as cidades da Inglaterra eu descobri Leeds e vi que era uma cidade com um tamanho considerável, ou seja, teria uma mercado de trabalho com mais oportunidades. Não seria como Londres, Londres até tem mais trabalho mas aí você paga um aluguel muito mais caro então no final das contas não vale a pena. Vir pra Leeds foi um tiro no escuro.

Após a chegada de sua esposa e filho, Renato alugou um imóvel com a mesma imobiliária onde tinha alugado um quarto ao chegar em Leeds. Como ele já tinha um contrato com essa imobiliária, eles abriram uma exceção e alugaram um imóvel para ele sem a apresentação de um comprovante de vínculo empregatício, porém foi exigido o pagamento adiantado do contrato de aluguel. Como Renato não tinha outra alternativa, utilizou todo o dinheiro que havia trazido do Brasil no pagamento deste contrato.

Era a casa mais barata que eles tinham, mas ainda era cara pra gente e isso foi meu desespero, por que eu procurava por casa de 550 libras e essa era 700 por mês, mas era a única opção. Aqui 150 a mais faz muita diferença no orçamento, por que a longo prazo é muita grana. Atualmente eu recebo um benefício que me ajuda a complementar o valor do aluguel.

Renato permanece residindo nesse mesmo local.

Isabela

Nasceu em 1981 em São Paulo, onde viveu até a migração que ocorreu em 2016. Isabela afirma que o desejo de emigrar já era antigo, pois seu avô era alemão e ela havia estudado num colégio alemão, de modo que sempre se sentiu próxima a cultura alemã, o que lhe fazia considerar ir viver nesse país no futuro.

Esse desejo se tornou uma decisão quando Temer assumiu a presidência do Brasil, pois segundo Isabela (que trabalhava como professora antes de migrar), a partir desse momento os professores passaram a ser pressionados a não tratar de assuntos tidos como polêmicos em sala de aula.

Essa questão política do Brasil deixou a gente, que é professor, numa situação difícil, porque sofria pressão pra não tratar de assuntos polêmicos sobre questões sociais dentro da sala, durante a aula. Apesar de que eu nunca deixei de falar,

falava, mas era perigoso. Tava muito rígido e agora, como ainda tenho contato com o pessoal lá, sei que agora está muito pior.

Outro fator que colaborou com a decisão de Isabela foi a violência.

Outra coisa que pesou também foi a questão da violência, essa é uma coisa que conta muito, principalmente depois que você tem filho. Eu desenvolvi síndrome do pânico no Brasil por causa desse medo, por ter sido assaltada muitas vezes. Foram vários assaltos, especialmente em torno da avenida paulista. Já entraram na minha casa, enfim essa constante né, sempre tem alguém que acabou de ser assaltado, que aconteceu isso e aquilo, que apanhou, que morreu.

Ao longo da entrevista percebe-se no discurso de Isabela um certo descontentamento com o Brasil em relação ao fato de que, sendo ela artista, não enxergava no Brasil oportunidade de atuar profissionalmente como tal. Ela comenta empolgada que nas ocasiões em que expôs seu trabalho para alguém na Inglaterra, teve um retorno diferente do que costumava receber no Brasil.

Eu vejo que aqui o comportamento das pessoas quando vê o meu trabalho é diferente. Elas perguntam, conversam sobre, não é aquela coisa de olhar e não dar valor, como acontece no Brasil.

Portanto, o contexto político, o receio em relação a violência e o sentimento de frustração como artista fizeram Isabela tomar a decisão de migrar, de modo que em maio de 2018 ela se mudou com o esposo e os dois filhos para a Alemanha. Para arcar com os custos da migração ela vendeu a casa onde residia recebendo como pagamento um apartamento e uma quantia em dinheiro que, juntamente com o valor arrecadado com a venda dos móveis da casa, custeou a migração da família para Alemanha.

Ao chegar na Alemanha Isabela hospedou-se em um local que havia alugado, pelo *Airbnb*, quando ainda estava no Brasil. Quase dois meses após sua chegada ela ainda não havia conseguido alugar um imóvel, o que a fez refazer seu projeto de migração decidindo migrar para a Espanha, pois sua irmã já residia nesse país.

Ficamos na Alemanha por 50 dias, por que eu tive dificuldade de alugar um lugar lá por conta de estar com duas crianças, por que migramos eu, meu marido e meus dois filhos. Então a gente acabou indo pra Espanha, porque eu tenho uma irmã que mora

lá. Fiquei na Espanha seis meses e foi horrível. Não conseguimos emprego, meu marido tem cidadania italiana e mesmo assim não conseguimos emprego. Além disso, não conseguimos levar os filhos no médico, tudo dava errado, era uma burocracia grande (...). Como na Espanha não deu certo, nós resolvemos vir pra Inglaterra. A Inglaterra já era um sonho do meu marido, porque na Inglaterra tem o curso de engenheiro de som, meu marido é músico e trabalhava profissionalmente nessa área no Brasil, mas lá não tem esse curso, tem na Alemanha e aqui. E por a gente saber que a Inglaterra estava bem, tinha possibilidade de trabalho enfim, a gente veio pra cá.

Seu esposo migrou primeiro, indo para Londres, enquanto que Isabela permaneceu com os filhos na Espanha (morando com sua irmã).

Ao chegar em Londres seu esposo alugou um quarto numa casa compartilhada e rapidamente conseguiu um trabalho, de modo que um mês após a sua chegada Isabela migrou (em dezembro de 2017) com os filhos para a Inglaterra.

A gente tava na zona três, *Seven Sisters*, lá a gente pagava 880 libras num quarto e onde a gente mora a gente paga 800 libras numa casa de três quartos. A gente não queria ficar em Londres, a gente gosta de Londres, mas assim... pra passear, não pra viver lá. Então começamos a olhar algum lugar pra ir morar e nisso uma amiga que a gente conheceu em Londres mudou pra uma casa nessa cidade que a gente tá morando, e aí eu vi as fotos na internet, olhamos a cidade, gostamos e decidimos vir pra cá. Aí a gente alugou a casa aqui, lá de Londres, direto com uma inglesa, ela é muito atenciosa com a gente, foi uma coisa de Deus.

Isaura

Nasceu em 1971 na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Segundo Isaura, a decisão de morar fora do Brasil partiu de seu esposo que, segundo ela, sempre dizia que queria morar fora do Brasil

Desde de que nos conhecemos em 92, ele sempre falava da ideia de ter uma experiência de morar fora, mas era uma coisa muito distante. Ele falava mas a gente não via possibilidade disso acontecer. No ano 2000 meu marido pegou os documentos com um tio meu que tinha os registros de certidão, ele gostava dessa coisa de árvore genealógica, e levou num sub consulado da Itália em Goiânia e em 1 ano o processo foi realizado. Meu esposo e meu cunhado fizeram tudo, foram atrás de documentos em cartórios para pegar certidões.

A cidadania italiana de Isaura foi reconhecida em 2001, porém não cogitou de imediato sair do Brasil. Em meados de 2004 ela reencontrou em sua cidade uma amiga que morava na Inglaterra e, por meio dos relatos dessa amiga, constatou que seria possível morar na Inglaterra, mesmo sem ter domínio da língua local.

Em 2006 a irmã de Isaura migrou para Itália, porém como não conseguiu trabalho nesse país decidiu, alguns meses após sua chegada, ir para Inglaterra, mudando-se então para Londres. Isaura, que nessa época já estava descontente com a violência no país, ao ver sua irmã indo para Inglaterra passou a considerar a migração para esse país como uma alternativa para ter mais segurança.

Fui assaltada mais de uma vez, tive vários episódios de assalto, por trabalhar em hospital e sair do trabalho muitas vezes já sendo noite. Teve um episódio em que eu tava no supermercado e o assaltante colocou uma arma na minha cabeça (ela se emociona nesse momento) e aí vai acontecendo isso e você fica avaliando...você cria seus filhos num lugar assim, eu me questionava como que eu ia cuidar deles sabe, por que eu me perguntava se eu queria que meus filhos crescessem nesse ambiente de banalização da violência. Eu não queria isso para os meus filhos.Você fica se perguntando... poxa, eu trabalho tanto, faço tudo tão correto mas não tem segurança.

O descontentamento de Isaura com a violência somou-se ao descontentamento profissional de seu esposo, que não via possibilidade de crescimento no local em que estava trabalhando antes de migrarem.

Eu estava bem profissionalmente, mas meu marido não, ele não tinha perspectiva de crescimento no trabalho, ele trabalhava como auxiliar administrativo e não tendo perspectivas a vontade dele de emigrar começou a crescer.

Isaura relata que se preocupava com o fato de não saber até quando teria condição financeira de arcar com as despesas da família.

Eu trabalhava muito e me perguntava até quando eu ia dar conta de manter as coisas, pagar escola particular, sabe aquelas coisas que você tem que pagar? Aula de

natação, aula de inglês, essas coisas. Eu tinha que trabalhar muito pra dar conta e por isso eu tinha pouco tempo pra ficar com minhas crianças.

Um outro fator que contribuiu para a decisão de emigrar é que Isaura via na migração a oportunidade de proporcionar a seus filhos a experiência de conhecer uma outra cultura.

Eu tinha vontade de mostrar um outro lado do mundo para os meus filhos em termos de cultura, de línguas diferentes, pessoas diferentes, porque eu acho que é importante você estimular as crianças nisso.

Portanto, a elevada violência no Brasil, a estagnação profissional do esposo, o receio de não conseguir arcar com todas as despesas familiares somados ao desejo de que os filhos pudessem vivenciar uma outra cultura fizeram com que Isaura decide migrar para a Inglaterra, sendo a escolha desse país decorrente do fato da irmã de Isaura estar vivendo nesse país. Mesmo não tendo domínio do idioma, devido aos relatos de sua amiga, Isaura sentiu-se confiante quanto ao fato de que conseguiria trabalhar na Inglaterra.

Assim sendo, em 2007 seu esposo migrou para a Inglaterra e Isaura o acompanhou por não saber que ele poderia solicitar o *EEA Family Permit* (quando ainda estava no Brasil) e assim entrar na Inglaterra sem precisar da presença dela. Assim sendo, ela passou alguns dias na Inglaterra e retornou para o Brasil, enquanto que seu esposo permaneceu na Inglaterra vindo a ficar na condição de indocumentado por um tempo.

Ela relatou que quando o marido migrou em 2007, ela ainda não tinha total certeza se iria ou não para a Inglaterra com os filhos, porém após um ano da migração do esposo ela decidiu ir juntar-se a ele com os filhos.

Ele foi na frente, até por que eu não tinha certeza se ia morar lá, então a ideia era ele ir e conhecer, ver como era .

Isaura embarcou em 2008 com os três filhos rumo a Londres. Antes de sua chegada com os filhos seu esposo alugou um quarto numa casa compartilhada, pois na casa onde ele alugava um quarto não podiam residir crianças. Entretanto, a pessoa com quem ele havia combinado e até pago adiantado o aluguel do quarto (onde a família iria morar) sumiu sem dar

satisfação alguma e diante desse imprevisto, Isaura teve que ir para a casa em que o esposo estava residindo (antes de sua chegada) ficando por dois dias nessa casa até conseguirem alugar um quarto numa casa em que aceitassem crianças. Ela conta que o esposo só conseguiu alugar um quarto para a família porque ofereceu pagar um valor superior ao que estavam cobrando pelo aluguel do quarto.

Era horrível, mas foi o que a gente conseguiu. Era uma casa mal cuidada, era muita gente morando no casa e era uma casa mal frequentava. Ficava gente fumando maconha, num era um ambiente bom pra criança. Eu ficava mais no quarto com as crianças, por que nada dava pra elas ficarem vendo aquilo.

Permaneceram pouco tempo nesse local, pois Isaura e sua irmã decidiram morar juntas.

Arrumamos um flat de dois quartos, era bem pequeno, mas conseguimos. Moramos eu, minha irmã, o esposo dela, minha sobrinha, eu, meu marido e nossos três filhos. Era em *Seven Sisters*.

Após alguns meses, Isaura e sua irmã se mudaram para uma casa e em 2009 uma outra irmã de Isaura migrou para a Inglaterra, juntamente com o esposo e os filhos. A partir de então, as três irmãs passaram a dividir a mesma casa com seus respectivos esposos e filhos.

Posteriormente Isaura se mudou, indo morar com apenas uma de suas irmãs. Essa irmã recebeu uma proposta de trabalho, a qual aceitou, mudando-se então para uma outra cidade. O mesmo aconteceu com Isaura algum tempo depois, ela trabalhava limpando um flat em Londres e os donos desse flat a convidaram para trabalhar como *keep house* numa casa que eles tinham numa cidade próxima de Londres.

Isaura aceitou o convite e atualmente mora numa vila próxima a essa casa onde trabalha.

Andre

Nasceu na cidade de Guarulho em 1978, mudando-se pouco tempo após seu nascimento para Taubaté. Em 2009 e em 2011 André esteve na Inglaterra juntamente com suas esposa para visitar alguns primos dela, que haviam migrado para esse país. Ele contou

que ao retornarem da primeira viagem para a Inglaterra, ele e sua esposa passaram a cogitar migrar para a esse país, de modo que em 2010 decidiram realizar o processo de reconhecimento da cidadania italiana dela.

Logo que eu vim pela primeira vez na Inglaterra a gente decidiu fazer o processo de reconhecimento da cidadania da minha esposa, mas a gente não tinha noção de quando isso aconteceria, por que tinha nome errado, um dos cartórios tinha pegado fogo, enfim...a gente meio que já tinha desistido do processo de migração até que mais ou menos 5 anos depois a gente foi informado que a documentação tava ok. No final de 2015 minha esposa foi pra Itália dar entrada no pedido da cidadania.

Contrataram uma advogada para tratar dos empecilhos que haviam em relação às certidões que faltavam para a realização do processo de reconhecimento da cidadania italiana de sua esposa e, assim que as certidões foram obtidas, a esposa de Fábio viajou para a Itália para realizar o processo. Fabio migrou em fevereiro de 2016 e sobre os motivos que o fizeram querer ir viver em outro país, ele disse:

Eu nunca fui aquele tipo de imigrante que veio pra cá porque odiava o Brasil, era por que eu e minha esposa tinha o desejo de viver essa experiência, de morar fora, A gente sempre gostou muito de viajar e resolvemos então mudar. As visitas que fizemos aqui motivou a gente a vir pra cá. A escolha foi por que a gente já tinha contatos aqui, os primos da minha esposa.

Quando chegou na Inglaterra foi morar em Londres, numa casa compartilhada onde sua esposa havia alugado um quarto. Moraram por pouco tempo nessa casa e se mudaram para um flat onde permaneceram por um ano. Posteriormente se mudaram para um outro flat e atualmente moram numa cidade próxima de Londres. Dentre todos os entrevistados, Fábio é o único que migrou motivado apenas pelo desejo de viver a experiência de morar em um outro país.

5.2.1 Considerações sobre os fatores de expulsão do Brasil e fatores de atração da Inglaterra

Quadro Sinóptico 1 : Fatores de atração e fatores de repulsão

Entrevistados	Fatores de repulsão	Fatores de atração
Karina	Violência / Descontentamento profissional do esposo / Descrença em relação ao futuro do Brasil	Segurança / Proporcionar um futuro melhor para as filhas
Ingrid	Dificuldade para arcar com as despesas financeira / Custo de vida elevado	Acesso a escola pública de qualidade / Segurança / Realizar o sonho de adquirir uma casa
Fabricio	Custo de vida elevado / Corrupção / Descrença em relação ao futuro do Brasil	Namorada recebeu proposta de trabalho na Inglaterra
Jessica	Violência	Realização do tratamento de filho de forma gratuita / Segurança
Raissa	Falta de oportunidade para crescimento profissional / Descrença em relação ao futuro do Brasil	Aprender Inglês / Melhorar padrão de vida
Paula	Dificuldade para arcar com as despesas financeira / Custo de vida elevado	Custo de vida mais baixo em relação ao Brasil
Frederico	Dificuldade para arcar com as despesas financeira / Custo de vida elevado	Custo de vida mais baixo em relação ao Brasil
Renato	Dificuldade para arcar com as despesas financeira / Violência / Custo de vida elevado	Custo de vida mais baixo em relação ao Brasil / Já falava a língua do país / Segurança
Isabela	Violência / Descontentamento com a situação política do Brasil / Baixa expectativa profissional como artista	Esposo desejava ir para Inglaterra / Esposos já falava a língua do país.

Isaura	Violência / Estagnação profissional do marido / Desejo de experienciar uma outra cultura	Custo de vida mais baixo em relação ao Brasil / Segurança
Andre	Desejo de experienciar uma outra cultura	Saber que havia oportunidades de trabalho em sua área na Inglaterra

Ao analisarmos os relatos percebemos que, embora as circunstâncias vividas tenham variado em cada relato, os fatores que repeliram os brasileiros entrevistados não apresentaram uma variação significativa. O fator econômico e a violência foram apontados como os principais motivos para justificar a saída dos entrevistados de seu país de origem.

O fator econômico é citado como um dos principais fatores de repulsão e tal fato pode ser associado a crise econômica que assola o Brasil desde o último semestre de 2013. O ciclo de desaceleração enfrentado neste ano culminou numa recessão econômica que se estendeu nos anos seguintes ocasionando a maior contração da renda da história do Brasil.

Os brasileiros que citaram o fator econômico, acusaram o Brasil de ser um país que não oferece oportunidades de crescimento profissional, que possui um custo de vida elevado e, além disso, alegaram que no Brasil tinham dificuldade para pagar as contas no final do mês.

Lá no Brasil ralava, ralava, ralava e num sobrava, aliás faltava ou pra fazer uma viagem ou pra fazer alguma coisa...num dava e meu marido falava que não queria passar a vida inteira trabalhando e ainda não dando nem pra pagar as contas no final do mês, então aqui a gente acredita que vai conseguir conquistar mais coisas [Ingrid].

Considerando que os fatores de atração atuam de forma complementar aos fatores de repulsão (Pacheco e Patarra, 1997), enquanto a crise na economia nacional “empurra” os brasileiros para fora de seu país de origem, em contrapartida, o contrastante com a situação relativamente boa em outros países, como a Inglaterra, atraem esses brasileiros.

Os brasileiros que acusaram o fator econômico como um dos fatores que os repeliram do Brasil acreditavam que na Inglaterra teriam condição de desfrutar de um padrão de

consumo igual ou superior ao que o tinha no Brasil onde, devido a crise, viviam em situação de privação relativa (Patarra, 2006).

Segundo Patarra (2006), a noção de privação relativa faz-se necessária na compreensão da migração dos brasileiros desde os anos 1980. Essa autora defende que pessoas relativamente privadas sofrem com a redução de seu nível de renda, de modo que ao compararem a situação atual com a situação anterior (ou com grupos de referência) a migração passa a ser identificada como uma alternativa para o aumento de renda e/o melhoramento da posição econômica da unidade familiar.

Um outro fator que vem a ser recorrente nos relatos colhidos é a violência, sendo que a preocupação dos entrevistados em relação a violência não se restringia apenas a segurança própria, mas também a segurança dos filhos.

De todos os motivos que move as famílias que estão aqui eu penso que a principal razão seja a segurança, a minha filha mais velha sai muito. Claro que aqui também tem violência, mas é muito diferente do Brasil. Se eu tivesse no Brasil eu já tinha enlouquecido [Karina].

No Brasil você tem uma sensação de uma roleta russa, a qualquer momento essa roleta russa pode pegar você e você pode ser esfaqueado [Renato].

Ao tratarmos de segurança e migração de forma associada somos levados, num primeiro momento, a pensar em movimentos migratórios realizados por refugiados que se deslocam de uma região, onde há ocorrência de guerras e/ou conflitos civis, para uma outra região que lhe assegure integridade física e emocional. Entretanto, no caso da emigração de brasileiros contemporânea, segurança e migração também podem estar associados, uma vez que o Brasil, embora não esteja vivenciando uma guerra em seu território, ocupa o 13º lugar no ranking mundial de homicídios, conforme os dados do estudo realizado pelo Instituto Igarapé publicado em abril de 2018 cujo título é “Segurança do cidadão na América Latina”.

Segundo Adorno (2002), que é coordenador do núcleo de pesquisas sobre violência da USP, desde a década de 1970, vem-se exacerbando, no Brasil, o sentimento de medo e insegurança, o qual não vem a ser infundado, pois de acordo com as estatísticas oficiais de

criminalidade, a partir dessa década, houve uma aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Esse aumento das modalidades delituosas envolve a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os seqüestros, os estupros.

Dentre os entrevistados alguns demonstraram um sentimento de descrença em relação ao futuro do Brasil, sendo tal descrença associada o problema da violência e da corrupção.

Quanto aos fatores de atração, percebemos que a escolha pela Inglaterra está intimamente ligada ao fato de os entrevistados terem algum conhecido que já estivessem residindo na Inglaterra.

Quadro Sinóptico 2: Relações sociais que influenciaram a migração para Inglaterra

Entrevistados	Pessoas que atuaram como elo de ligação entre entrevistados e local de destino (Inglaterra)
Karina	Esposo e cunhadas
Ingrid	Prima do esposo
Fabricio	Não respondido
Jessica	Irmão que havia migrado anteriormente para a Inglaterra
Raissa	Utilizou de rede social virtual (<i>Facebook</i>) para contatar brasileiros residentes na Inglaterra
Paula	Amiga que já residia na Inglaterra
Frederico	Amiga que já residia na Inglaterra
Renato	Sobrinho do padrasto
Isabela	Não conhecia ninguém na Inglaterra
Isaura	Amiga que já residia na Inglaterra
Andre	Primos da esposa

Percebemos que as relações estabelecidas são, na maioria dos casos, de amizade e de parentesco. Isaura, por exemplo, descobriu por meio de sua amiga, que já residia na Inglaterra, que seria possível trabalhar nesse país mesmo não tendo domínio da língua local. Um outro exemplo, é o caso de Paula que reencontra uma amiga que havia migrado para a Inglaterra e essa lhe informa sobre as vantagens de viver nesse país. Essa amiga de Paula, além de lhe passar informações, hospedou a filha de Paula (que migrou a frente da família) e ajudou a encontrar uma casa para que Paula pudesse ir morar quando chegasse com sua família na Inglaterra.

Segundo Fusco (2002), os migrantes brasileiros, assim como os demais imigrantes, não se dispersam aleatoriamente pelo mundo, mas seguem os passos de seus precedentes. Assim sendo, ao analisarmos as experiências migratórias descritas pelos entrevistados, percebemos que algumas estavam inseridas em processos sociais cumulativos, como no caso, por exemplo, de Isaura que migrou após uma de suas irmãs ter migrado e, após sua migração, uma outra irmã também migrou para a Inglaterra.

Conforme exposto por Boyd (1989), as redes de amizade exercem um importante papel no processo de escolha do local de destino, pois fornecem informações, apoio material e psicológico o que permite a rápida circulação de informações e a troca de conhecimento prático. Portanto, as redes migratórias são responsáveis por reduzir os custos e riscos do movimento contribuindo com a perpetuação dos fluxos migratórios internacionais.

Os entrevistados também utilizaram como fonte de informações o facebook, que é uma rede social virtual. Nessa rede alguns dos entrevistados buscaram por grupos de brasileiros imigrantes residentes na Inglaterra e, em alguns casos, essa veio a ser a principal fonte de informação sobre o local de destino.

Uma outra fonte de informação utilizada foi o *Youtube* e, nesse caso, houve uma crítica por parte de um dos entrevistados que alegou ser essa uma fonte não confiável.

Você entra no canal de youtube e a pessoa vende um sonho e você chega aqui e vê que é bem diferente da realidade dessas pessoas que deram certo de forma rápida, enfim...

Além das redes sociais, um outro fator que colaborou com a decisão de migrar para a Inglaterra foi o desejo de oferecer aos filhos “um futuro melhor” nesse país. Embora esse fator não tenha sido citado como o principal motivo, ele foi recorrente especialmente entre as mulheres que são mães, as quais viram na ida para a Inglaterra a possibilidade de proporcionar aos filhos uma vida melhor.

Segundo Peixoto (2004), a migração, enquanto investimento em capital humano, pode abarcar o indivíduo ou a entidade familiar e, nesse caso, muitas vezes trata-se de um investimento de longo prazo cujo benefício será desfrutado pelos filhos os quais (teoricamente) terão mais oportunidades.

(...) a motivação para mim era poder oferecer pra minha filha uma condição melhor. Aqui a gente vai poder dar algo que a gente não poderia dar pra Luisa no Brasil. Então, pra mim a motivação maior foi isso, pensando na minha filha então eu passei por cima sabe de...de conforto de tá perto de família, né (...) poder oferecer para a Luisa a oportunidade de estudar em uma boa escola [Ingrid].

Por fim, temos o fator mais subjetivo de todos: o desejo de desfrutar da experiência de residir em um outro país. André, alegou ser esse o principal motivo de sua saída do Brasil e, ao contrário dos demais entrevistados, ele não acusou nenhum fator de repulsão que o tenha motivado a querer sair de seu país de origem.

Quanto aos obstáculos, além daqueles que já são esperados, como distância e custos com deslocamento, alguns entrevistados tiveram que providenciar os documentos que permitiriam a eles viver legalmente na Inglaterra. Exceto Karina, todos os demais entrevistados adquiriram a cidadania europeia ou são casados com alguém que possui.

5.3 Expectativas sobre a Inglaterra

Antes de realizarmos a migração, criamos em nossa mente uma imagem sobre o local de destino. Essa imagem é construída a partir de fontes variadas o que inclui filmes, séries, redes sociais, vídeos da plataforma *youtube*, sites dentre outros de modo que as informações obtidas nessas respectivas fontes são fraturadas, não sequenciais e selecionadas de forma tendenciosa por aqueles que as divulgam.

De posse dessas informações criamos uma série de expectativas e, ao chegarmos no local de destino, percebemos que algumas ou muitas dessas expectativas eram ilusórias.

Só quando a gente tá aqui é que a gente vê os prós e os contras da Inglaterra e...no Brasil as pessoas têm a Inglaterra como país de primeiro mundo “nossa ela mora na Inglaterra”. Só vê o riso mas não vê o choro, a minha mãe diz: infelizmente aí é melhor para as meninas... aqui é muito bom mas é muito ruim [Karina].

Eu procurei não criar muita expectativa, pra não sofrer muito e..eu tô tentando ainda me equalizar nesse cenário, tô me sentindo um peixinho fora d'água, o importante é que a gente tá bem e eu sei que é um processo devagar né...então eu sei que a gente ainda vai chegar lá. No começo eu chorei bastante né...mas é isso [Ingrid].

É aquilo né, a gente só conhece mesmo quando a gente chega, por que contar como que é um lugar é uma coisa, a adaptação da pessoa é outra (...) eu achei que eu não ia me adaptar, porque o clima é muito frio aqui, escurece muito cedo então eu achei isso uma parte bem depressiva eu tenho me sentido bem sozinha aqui [Raissa].

Na minha cabeça não sabia que era tão difícil migrar, por que quando a gente chega aqui a realidade é outra. O frio conta muito, a gente não é acostumado com isso, a gente veio dum país tropical, num país que o clima é totalmente diferente daqui, você vestir esse tanto de roupa, sabe [Paula].

Você entra no canal de *youtube* e a pessoa vende um sonho e você chega aqui e vê que é bem diferente da realidade dessas pessoas que deram certo de forma rápida [Frederico].

Eu saí pensando que eu tava buscando qualidade de vida e aqui eu acho que isso é viável. Eu não sabia direito o que esperar, tinha a experiência do sobrinho da minha mãe mas a experiência é muito particular. Eu achei que sim, seria mais fácil do que está sendo, mas eu acho que a longo prazo aqui eu vou ter condição de conseguir uma colocação melhor no mercado de trabalho [Renato].

Lee (1975 apud Peixoto, 2004) sugere que os indivíduos são capazes de avaliar os fatores positivos e negativos do local de origem com mais precisão do que avaliam os fatores positivos e negativos do local de destino. Isso ocorre devido a sua associação longa com o local de origem, de modo que ao avaliar os fatores positivos e negativos do local de destino haverá sempre algum elemento de ignorância e incerteza.

É interessante chamar atenção para o fato de que ao tratarmos da migração contemporânea estamos lidando com fluxos estabelecidos dentro de um mercado internacionalizado, onde aquele que migra o faz tendo antes vislumbrado um dado lugar - seja por meio do cinema, redes sociais, ou quaisquer outro meio de comunicação- e criado sobre esse, a expectativa de que ele poderia lhe oferecer condições de viver uma vida melhor do que aquela que ele vive em seu país de origem.

5.4 Trajetória profissional

Os entrevistados foram questionados sobre o nível de escolaridade que possuíam antes de realizarem a migração, qual o cargo ocupavam antes de emigrar e qual a trajetória profissional realizada na Inglaterra. Após responderem tais perguntas, foram questionados sobre como percebem suas trajetórias profissionais e quais são os seus planos para o futuro.

Karina

Escolaridade: Graduada em direito

Após a conclusão de sua graduação, Karina passou a atuar como advogada conciliando essa profissão com o trabalho que já realizava como professora de inglês. Ela relatou que ao retornar para o Brasil em 2009 decidiu trabalhar apenas como professora de inglês sendo esse o seu último cargo antes de sua migração realizada em 2014. Sobre esse trabalho ela diz:

Tem isso também né, embora eu fosse muito satisfeita no trabalho, lá eu era uma verdadeira escrava por que eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite pra poder

manter um padrão, por que Brasília é um padrão alto (...) mas aí tem tudo né, tem escola, tem plano de saúde tem seguro de carro e empregada.

Após sua chegada na Inglaterra Karla descobriu que sua filha mais velha estava com um linfoma no pescoço e, devido ao cuidado requerido pela filha durante o tratamento, ela optou por não trabalhar em seu primeiro ano de migração. Após a recuperação de sua filha começou a trabalhar como tradutora e como professora de inglês para imigrantes brasileiros.

Atualmente trabalha como atendente no café de um supermercado cumprindo uma carga horária de 15 horas semanais. Karina soube desse trabalho por meio de sua prima, que é funcionária desse supermercado e viu o anúncio da vaga no mesmo. Sobre o atual trabalho ela diz:

Satisfação é zero, porque eu não tenho crescimento profissional nenhum. Eu saí como professora de inglês e eu estava no melhor lugar que eu poderia estar em Brasília. Eu era uma das preferidas lá, eu tenho muita paciência com criança, então eu dava aulas para várias turmas, de criança de três anos de idade a pessoas com 80 anos de idade, então na parte da manhã inteira eu era professora de criança, a tarde eu mesclava criança e adolescente e a noite adulto. A minha vontade mesmo é trabalhar num órgão público ou dar aula, mas pra dar aula a trajetória seria bem maior ainda, o que não é impossível.

Analisando a experiência de Karina percebemos que cada vez que ela esteve na Inglaterra sua carreira profissional foi impactada de alguma forma. Na primeira vez em que ela esteve nesse país (1990), sua intenção era melhorar sua fluência no inglês e esse investimento em seu capital humano permitiu a ela, ao retornar, trabalhar como professora de inglês no Brasil. Posteriormente, ao retornar de sua primeira migração (2009), Karina abdicou de sua carreira como advogada, pois esteve fora do mercado por muito tempo, passando a trabalhar apenas como professora de inglês. Nessa época, ela alcançou o ápice de sua trajetória profissional trabalhando numa conceituada escola de inglês de Brasília. Ela afirma que embora estivesse satisfeita era uma “verdadeira escrava”, pois cumpria uma jornada de trabalho extensa.

Ao migrar pela última vez (2017), ela abriu mão de uma carreira bem estabelecida como professora de inglês no Brasil para poder viver num lugar mais seguro. Ao olhar para

sua trajetória ela afirma estar muito insatisfeita, na área profissional, pois detesta o atual trabalho.

Quanto às suas expectativas profissionais para o futuro, ela afirma que considera ingressar na Universidade para a realização de um curso que, conforme explicado por Karina, seria uma espécie de adaptação ao direito da Inglaterra, para que possa atuar como advogada nesse país.

Ingrid

Escolaridade: Graduada em direito

Ingrid nunca trabalhou como advogada. Seu último trabalho antes de migrar foi como auxiliar administrativo em uma distribuidora de equipamentos eletrônicos de segurança, na qual seu esposo era sócio. Nessa empresa Ingrid cumpria uma jornada de trabalho de 40 horas semanais e recebia um salário de aproximadamente 1200 reais. Essa empresa foi aberta em 2015 e vendida em 2017 (era uma franquía), pois estava apresentando baixo retorno financeiro.

Atualmente ela não trabalha fora, dedicando-se exclusivamente aos cuidados da casa e de sua filha. Ao analisar sua trajetória profissional, ela diz:

Tá bem complicado, eu vim pra cá sabendo que ia ser bem complicado trabalhar na área (...), então eu vejo assim, que na área profissional, na questão da graduação, tá abandonado, e eu sei que aqui eu vou procurar trabalhar mas vão ser esses serviços que o pessoal faz sabe, de atendimento, vendas, cleaner.

Ingrid, a princípio, não tem nenhum planejamento em relação a sua vida profissional e acredita que quando puder trabalhar irá atuar no mercado secundário. Sobre realizar trabalhos que nunca considerou realizar no Brasil, ela diz:

Olha que interessante, no Brasil eu nunca me vi fazendo esse trabalho né, pra mim lá era... sei lá, nunca passou pela cabeça, aqui na Inglaterra já se torna mais comum pensar em fazer sabe, então eu não sei se é por conta de salário, até por que você vê

que o Brasil ele é muito preconceituoso em relação a isso, a gente ia se sentir como perante os amigos? Muita gente ia falar : nossa, a Ingrid trabalhando de faxineira... aqui não, aqui você vai falar que tá trabalhando de *cleaner* que fez um bico de *cleaner* e é normal, tranquilo sabe.

Seu nível de inglês é básico e ela têm estudado apenas em casa.

Fabricio

Escolaridade: Graduado em Letras

Durante o período em que estive no Brasil, antes de sua migração para a Inglaterra, trabalhei como professor de inglês e como tal trabalhava cerca de 37 horas por semana recebendo aproximadamente 3100 reais.

Ao migrar para a Inglaterra foi residir com sua namorada numa cidade muito pequena onde a oferta de emprego é baixa. Assim sendo, passou a procurar por trabalho em outras cidades conseguindo, por meio de um site de emprego, um trabalho numa agência de viagem localizada numa outra cidade, o que o fez se mudar da cidade onde estava morando.

Ele conta que após sete meses decidiu sair do trabalho indo morar novamente com sua namorada, pois adoeceu e, além disso, a distância estava prejudicando a relação, porque estavam se vendo pouco.

Depois eu descobri que eu poderia fazer o caminho pra dar aula aqui e aí eu comecei a olhar as coisas, então eu tenho feito esse caminho. Eu vou fazer um curso e uma Pós e aí eu vou dar aulas também durante esse curso recebendo pra isso. Eu quase passei no processo de seleção do ano passado, mas faltou validar os documentos, eu não consegui validar o diploma a tempo. Minha ideia é fazer esse ano de novo.

Desempregado, ele tem como objetivo se capacitar e atuar no mercado de trabalho como professor. Para realizar esse objetivo ele pretende se inscrever num programa de qualificação para professores que, segundo ele, é uma espécie de Pós graduação que o permitirá atuar no mercado de trabalho como professor futuramente.

Jessica

Escolaridade: Tecnóloga em Recursos Humanos

Antes de migrar Jessica não estava trabalhando, ela afirma que após ter filho optou por ficar em casa cuidando do mesmo. Pouco antes do nascimento de seu filho ela trabalhava como estagiária de recursos humanos tendo sido demitida desse trabalho em maio de 2015, após 5 meses de trabalho, ao informar que estava grávida. Neste trabalho a carga horária era de 30 horas semanais e o salário de 1200.

Pouco tempo após sua chegada na Inglaterra Jéssica conseguiu um trabalho como recrutadora, por meio de um site de vagas, numa empresa que contratava portugueses para trabalharem como cuidadores de idosos.

Jessica tomou a decisão de mudar para a mesma cidade onde seu irmão estava residindo o que a fez pedir demissão no trabalho, porém após seu desligamento ela descobriu que não conseguiria alugar uma casa na cidade em que pretendia morar, pois as imobiliárias estavam exigindo um documento de identificação de seu esposo que eles haviam esquecido de providenciar.

Assim sendo, ela cancelou a ideia de mudar de cidade e conseguiu, por meio de um site de busca de empregos, um trabalho temporário (1 mês) numa casa de caridade muçulmana, onde realizou trabalhos administrativos. Após esse trabalho temporário Jessica conseguiu um outro trabalho como recrutadora, por meio de uma agência de empregos, para realizar a substituição de uma funcionária que saiu de licença maternidade.

Ela enfatiza que gosta muito desse atual emprego, pois percebe que a empresa valoriza os funcionários aos oferecer benefícios (como plano de saúde), o que é raro na Inglaterra.

Jessica afirma que, em sua opinião, enquanto recrutadora, muitos brasileiros trabalham em empregos precários, por que já chegaram desacreditados na possibilidade de atuar na área em que se graduaram no Brasil.

Eu vejo pessoas assim, que tem o inglês bom, mas eles topam qualquer coisas e poderiam tá na área deles. Eles são formados, às vezes tem até especialização, mas acabam fazendo limpeza. Eu fico um pouco frustrada por eles. Acho que as pessoas, através de novela, vem com uma mentalidade “ah eu sou imigrante, eu tenho valor

menor do que quem é do país, portanto eu tenho que trabalhar em empregos mais desvalorizados”. Eu acho que eles vem pra cá com aquela mentalidade topa tudo, o que é bom se você realmente não tem inglês, mas se sabe inglês eu acho que isso não faz sentido.

Jessica está grávida e acredita que quando seu atual contrato de trabalho for encerrado provavelmente não conseguirá outro emprego, devido a gravidez. Sobre seus planos para o futuro, ela afirma que gostaria de investir na carreira do esposo para que ele consiga se posicionar melhor no mercado de trabalho na Inglaterra, pois para ele, ao contrário de Jessica, a mudança profissional foi brusca. Ele era técnico em Edificações no Brasil e, ao chegar na Inglaterra, trabalhou como garçom. Atualmente ele trabalha como *cleaner*.

Ao analisar sua trajetória ela afirma que se sente satisfeita, pois continuou atuando em sua área de formação após a migração.

Raissa

Escolaridade: Tecnóloga em Logística

Não atuou em sua área de formação. Segundo ela, o fato de não ter domínio do idioma inglês a impediu de conseguir trabalhar em sua área de formação. Raissa comenta que sua migração para o EUA foi motivada pelo seu desejo de aprender inglês, porém, ao migrar para esse país, ela teve pouco tempo para se dedicar ao aprendizado desse idioma, pois tinha que trabalhar.

Antes de migrar para a Inglaterra ela realizou um curso de corte de cabelo e maquiagem vindo a trabalhar no Espírito Santo como maquiadora, o que lhe dava uma renda de aproximadamente 800 reais.

Após sua chegada na Inglaterra, por indicação de uma pessoa conhecida, conseguiu um emprego como cleaner e tem conciliando esse trabalho com o trabalho de maquiadora que ela realiza esporadicamente. Ela relatou que já atendeu algumas pessoas como maquiadora e ofereceu um curso de maquiagem, entretanto, nos últimos meses, a demanda diminuiu drasticamente.

Ao olhar para sua trajetória ela afirma que trabalhou muito e que se sente esperançosa quanto ao futuro, pois acredita que poderá ter sucesso aqui na Inglaterra como maquiadora.

Sobre suas expectativas quanto ao futuro, ela diz que migrou com o propósito de empreender como maquiadora na Inglaterra e que seu objetivo, a longo prazo, é retornar para o EUA. Ela pretende adquirir a cidadania americana por meio de seu pai, que vive lá e adquiriu cidadania há alguns anos. Raissa afirma que saber que daqui alguns anos poderá ir para o EUA a conforta.

O meu primeiro pensamento é voltar a morar nos EUA daqui alguns anos, só ficar em Leeds se as coisas ficarem muito boas

Paula

Escolaridade: Graduada em Enfermagem

Paula nunca atuou em sua área. Ficou desempregada nos últimos 4 anos (antes de sair do Brasil) e durante o curso de enfermagem trabalhou, de forma autônoma, como vendedora de roupas, o que lhe dava um rendimento de aproximadamente 1.500 reais por mês.

Conseguiu seu primeiro emprego na Inglaterra por meio da indicação de uma pessoa que conheceu pelo *facebook*, para a trabalhar como *cleaner*. Posteriormente viu um anúncio de emprego no facebook, para trabalhar como cleaner, e se candidatou, pois eram mais horas de trabalho e oferecia contrato efetivo.

Sobre realizar um trabalho que nunca cogitou fazer no Brasil, Paula diz:

Eu tinha uma cabeça totalmente diferente de hoje, por que pra mim, culturalmente falando, trabalhar como faxineira era como um subemprego, que é o que na minha cabeça eu tinha sabe. Hoje, não sei se é por que eu trabalho com isso né, hoje eu valorizo muito mais que eu valorizava antes, nunca desvalorizei, mas não valorizava o tanto que hoje eu valorizo e assim até pelo salário também sabe, no Brasil é tipo a última opção, aqui não, eu trabalho com um monte de inglês.

Ao analisar sua trajetória profissional Paula se diz:

Como cleaner eu não tenho do que reclamar, é cansativo e pesado, mas eu trabalho 24 horas é tranquilo, por que dá pra organizar minha casa, minhas coisas, dá pra ficar presente na vida das minhas filhas. Amigas minhas no Brasil, que são enfermeiras, não ganham o salário que eu ganho aqui, como cleaner, e nem

conseguem ficar com a família como eu consigo, daí eu fico fazendo tipo uma comparação... é ruim tá longe da família, mas vale á pena.

Ela afirma que pretende continuar nesse trabalho e dedicar-se ao estudo do idioma inglês para, daqui alguns anos, revalidar seu diploma e tentar ingressar no mercado de trabalho como enfermeira.

Eu quero muito ainda trabalhar na minha área, estudar inglês pra caramba pra trabalhar na minha área.

Frederico

Escolaridade: Graduado em Educação Física

Nunca atuou na área de formação. No Brasil, antes de migrar, trabalhava como supervisor comercial e recebia um salário de 6.000 reais. Estava nessa empresa há cinco anos, de modo que considerava seu emprego estável. Seu primeiro trabalho na Inglaterra foi como auxiliar de cozinha “Saí com uma semana, era muito ruim. Eu não tinha experiência de trabalhar num restaurante, numa cozinha (...)”. Frederico conseguiu esse trabalho por meio de um anúncio que viu em um grupo de brasileiros no *Facebook*.

Posteriormente conseguiu um trabalho como *cleaner* na empresa em que sua esposa (Paula) estava trabalhando. Sente-se satisfeito neste atual trabalho, embora seja pesado. Ao analisar sua trajetória, Frederico diz:

Eu falava assim: cara eu odeia trabalhar de terno e gravata, um dia eu quero trabalhar de calça de moletom e camiseta, mas hoje eu trabalho de moletom e camiseta e...caramba, agora eu penso: queria tanto trabalhar com o meu terno...eu tinha tudo, eu tinha mesa, tinha um status dentro da empresa, as pessoas me respeitavam, eu tinha uma voz ativa (...) aí você vê, hoje eu enxergo esse emprego precário como outro emprego qualquer, até porque, aqui a disparidade de salário não é algo como é no Brasil.

Sobre seu futuro, ele pretende aguardar alguns anos e voltar a trabalhar na sua área, porém ainda não tem planos sobre como fará isso.

Renato

Escolaridade : Graduado em letras

Antes de migrar Renato trabalhava como professor de inglês, de modo que lecionava numa escola e dava aulas de inglês para alunos particulares. Sua renda como professor, antes de sair do Brasil, era de aproximadamente 2500 reais.

Durante o curto período em que esteve em Londres, antes de ir para a cidade em que reside atualmente, teve alguns empregos. O primeiro foi como garçom, em um restaurante brasileiro, sendo esse trabalho fruto da indicação do sobrinho de seu padrasto que residia em Londres. Trabalhou por poucos dias nesse restaurante e, não se considerando apto para as funções que tinha que realizar, decidiu ir em busca de um outro trabalho, o que o levou a uma agência de emprego (sobre a qual ele tomou conhecimento por meio de um grupo do *facebook* direcionado para imigrantes brasileiros residentes em Londres). Essa agência o contratou para a realização de trabalhos em hotéis como terceirizado.

Os trabalhos em agências como essa comumente são ofertados por meio de um aplicativo cabendo ao funcionário, ao receber a oferta de trabalho, aceitar ou negar a mesma sendo tais ofertas para trabalhar em locais e horários variados, recebendo o valor mínimo por hora trabalhada. Renato permaneceu nessa agência até sua ida para Leeds.

Poucos dias após sua chegada em Leeds ele começou a trabalhar em um restaurante de comida brasileira localizado numa cidade próxima a Leeds chamada Wakefield. Ele ficou sabendo que esse restaurante estava contratando por meio de Jessica, que conhecera em um grupo de brasileiros do facebook. Ficou nesse trabalho por poucas semanas, pois conforme suas palavras “não levava jeito” para trabalhar como garçom.

Posteriormente conseguiu um outro trabalho, por meio de uma agência de empregos, em um centro de distribuição e, após 2 meses de trabalho, foi dispensado. Atualmente ele trabalha neste centro de distribuição que o dispensou, entretanto, durante esse intervalo, trabalhou como cleaner, operário numa fábrica de peças de cerâmica e assistente de produção numa pequena fábrica de alimentos. Ao refletir sobre sua trajetória profissional , ele diz:

Detestei todos os trabalhos que tive aqui. Todos era cansativos e alienantes. O menos pior é esse onde eu estou agora, mas ainda assim está longe de ser um trabalho que faz eu me sentir satisfeito. Quando eu vim eu tava achando que ia trabalhar numa coisa que fosse mais tranquila, tipo atendendo num café ou alguma coisa do tipo, mas chegando aqui vi que só tinha trabalho mais puxado. Eu já sonhei com um trabalho num supermercado, mas nem isso. Eu conheci um inglês aqui que me falou que muitos amigos dele que são formados estão trabalhando em supermercado, então assim, o mercado aqui tá bem complicado.

Em relação às suas expectativas para o futuro, Renato afirmou que pretende permanecer no trabalho atual, pois existe a chance dele ser contratado como efetivo, o que é raro no mercado de trabalho secundário. A longo prazo, pretende fazer como Fabrício, ou seja, irá tentar ingressar no curso de capacitação para atuar como professor na Inglaterra.

Isaura

Escolaridade: Graduada em Fisioterapia e possui especialização na área cardiopulmonar.

Desde a sua formação até o momento de sua migração atuou no mercado realizando atendimentos em hospitais. Entre 1998 até 2004 foi sócia de uma clínica desistindo dessa sociedade, pois o rendimento da clínica era baixo.

Antes de migrar Isaura cumpria uma carga horária de aproximadamente 60 horas semanais, pois além do atendimento no hospital costumava realizar plantões particulares, e seu salário antes de migrar variava entre 4.000 a 5.000 reais por mês.

Ao chegar na Inglaterra tinha em mente atuar em sua área, porém esse projeto foi deixado para trás ao longo dos anos. Seu primeiro emprego foi como *cleaner* e ao longo dos primeiros anos trabalhou em diversos lugares sempre nesse mesmo cargo.

Há alguns anos ela recebeu uma proposta de trabalho, por parte de uma família para a qual trabalhava esporadicamente limpando um flat que essa família possui em Londres, e essa proposta era pra que ela trabalhasse para essa família como *house keep* cuidando de uma casa que eles possuem numa cidade perto de Londres.

Isaura aceitou a proposta e mudou-se de Londres para próximo dessa casa onde iria trabalhar. Ela possui um contrato de trabalho com essa família de 40 horas semanais e recebe

um salário de aproximadamente 2.000 libras por mês. Seu esposo também trabalha para essa família como jardineiro e, ao analisar sua trajetória profissional, ela diz:

Eu olho com carinho porque eu abri mão por causa da minha família, eu não acho ruim, por exemplo, eu trabalhar de *housekeeper*, eu tô feliz com o que eu tô fazendo está dando certo..eu tô bem, nunca tive essas coisas ... eu tive uma amiga que era fisioterapeuta que parou de conversar comigo quando descobriu que eu trabalho limpando casa. Pra mim não tem o menor problema, é apenas um trabalho e eu gosto do que faço.

Sobre seus planos para o futuro, Isaura diz que pensa em fazer algum curso para poder realizar trabalhos extras como *account*, pois já ajuda pessoas em processos burocráticos a providenciarem documentos. Também considera fazer o curso de cuidado materno para cuidar de bebês, uma vez que já tem experiência com cuidado na área da saúde

Isabela

Escolaridade: Graduada em Artes Visuais e em Pedagogia. Possui especialização em Criação Visual.

Após graduar-se, tentou trabalhar apenas como artista, porém não foi possível o que a fez realizar um concurso para trabalhar na rede pública de ensino como professora de artes. Ela foi aprovada no concurso de modo que, nos últimos 10 anos, trabalhou como professora, sendo esse o seu último emprego antes da migração.

Eu sempre quis ser artista, que eu desenho e pinto. Só que isso foi muito difícil, até fiz algumas exposições, mas não consegui. Daí eu precisava trabalhar, ganhar dinheiro e aí eu prestei concurso público para professora de artes e passei.

Antes de emigrar pediu exoneração do cargo. Durante o período em que morou na Alemanha e na Espanha não trabalhou e após sua chegada na Inglaterra trabalhou de forma esporádica como *cleaner*.

Eu não me incomodo se eu ficar de *cleaner* por um tempo, por que vale à pena, pela vida que eu posso viver aqui sabe... meus filhos na escola, segurança, acesso à saúde. Então, embora eu tenha muita vontade de trabalhar como artista, eu já me sinto feliz, porque aqui a gente vive, não apenas sobrevive, como é no Brasil.

Ao analisar sua trajetória profissional, Isabela diz:

Tem horas que eu penso bastante nisso, que é complicado. Mas eu ainda sinto que essa fase com trabalhos assim vai ser passageira. Eu vou validar meus diplomas, vou tentar aos poucos procurar alguma coisa. Mas é duro saber que né..ah eu fiz isso, fiz aquilo, não sou pouca coisa sabe e tô fazendo um trabalho assim, mas eu também penso, trabalho é trabalho. Então pronto. Mas eu queria né, aproveitar tudo o que eu estudei ou continuar estudando. Por que eu gosto muito de estudar, estudar aqui seria maravilhoso. A minha maior tristeza é pensar que a hora que eu ganho como faxineira é melhor remunerada do que a hora como professora lá no Brasil. Fico triste ao ver essa desvalorização do professor no Brasil.

Isabela pretende atuar como professora na Inglaterra futuramente e em seu relato ela comenta que acredita que talvez seu desejo de trabalhar como artista se torne realidade aqui, pois percebeu uma maior receptividades das pessoas aqui, em relação ao Brasil, ao apresentar seu trabalhos artísticos

Andre

Escolaridade: Graduado em Fisioterapia e possui especialização na área de Ergonomia

Em 2014 foi contratado por uma empresa internacional de grande porte para o cargo de ergonomista onde permaneceu até 2016 conciliando esse trabalho com outros trabalhos esporádicos como consultor.

Ao chegar na Inglaterra André trabalhou inicialmente como motorista de van fazendo entrega de produtos. Conseguiu esse trabalho por meio de um site de empregos e durante os seis meses em que esteve nessa emprego realizou também alguns trabalhos aos finais de semana como garçom.

Eu entendi que trabalhar como motorista não tava me ajudando em muita coisa , pois não me ajudava a melhorar meu inglês. Fiquei seis meses como motorista e depois fui trabalhar numa empresa de *care*, visitava velhinhos em casa, tomava um chá, preparava uma comida, ou dava um remédio...esse tipo de coisa. Fiquei nesse

trabalho por 6 meses, mas eu usava o carro pra ir nas casas e minha carteira de motorista ia vencer, porque eu tava usando a carteira do Brasil aqui.

Após seis meses trabalhando como *care*, Fábio foi ao Brasil para realizar um trabalho e retornou após um mês. Ao retornar ele se candidatou a uma vaga para trabalhar em um *call center* e foi aprovado, permanecendo nesse trabalho por um ano e meio.

Quando a gente resolveu que a gente ia realmente ficar, eu decidi não pegar mais trabalhos no Brasil, por que eu ainda pegava algumas coisas pra fazer de vez em quando. Ai eu decidi sair desse trabalho de *call center* por que eu já me sentia mais confiante no inglês, então eu decidi trabalhar com alguma coisa na minha área. Comecei então esse processo de aplicar para vagas e fiz várias entrevistas, tomei muitos e muitos não. Tinha processo que eu ia até o final, mas não conseguia. Em outubro em passei numa entrevista pra fazer algo similar ao que eu fazia no Brasil.

Por causa desse (atual) trabalho Fábio se mudou de Londres para uma cidade próxima da capital inglesa. Ele está realizando o processo de revalidação de seu diploma e pretende se candidatar a vagas que sejam equivalentes ao cargo que tinha no Brasil.

Então agora eu to revalidar meu diploma e minha intenção é conseguir um trabalho melhor do que esse que eu estou. No final desse ano ou ano que vem eu vou aplicar para vaga como a que eu tinha no Brasil.

Ao analisar sua trajetória profissional, ele diz:

Eu abri mão de muita coisa no Brasil pra poder tá aqui, eu retornar pro Brasil seria dar um passo pra trás, eu sei que eu não conseguiria o mesmo trabalho que eu tinha lá no Brasil. Como eu teria que começar do zero de novo, retornar pro Brasil não é uma opção. Tem valido a pena por que eu queria vivenciar isso, viver fora, melhorar o meu inglês. Quando você coloca seu esforço e coloca suas metas, você tem um projeto e as coisas vão acontecendo. Claro que tem as dificuldades, o fato de ser imigrante, mas você consegue. Quando eu vim, eu já sabia que tinha demanda aqui pra minha área.

5.4.1 Considerações sobre a trajetória profissional

Quadro Sinóptico 3: Trajetória profissional

Entrevistados	Escolaridade	Último Cargo antes de migrar	Trajetória profissional após migração
Karina	Graduada em Direito	Professora de Inglês	Tradutora e professora de inglês / Atendente no café de um supermercado
Ingrid	Graduada em Direito	Auxiliar Administrativo	Não trabalha, pois dedica-se ao cuidado da filha.
Fabricio	Graduado em Letras	Professor de Inglês	Atendente numa agência de viagens
Jessica	Tecnóloga em Recursos Humanos	Estagiária (estava desempregada antes da migração)	Recrutadora / Auxiliar administrativo / Recrutadora
Paula	Graduada em Enfermagem	Vendedora de roupas (estava desempregada há 4 anos)	<i>Cleaner</i>
Raissa	Tecnóloga em Logística	Maquiadora	Cleaner e maquiadora
Frederico	Graduado em Educação Física	Supervisor Comercial	Auxiliar de cozinha em um restaurante / <i>Cleaner</i>
Renato	Graduado em letras	Professor de Inglês	Garçom / Auxiliar de cozinha em um restaurante / <i>Cleaner</i> / Funcionário terceirizado em hotel / Garçom / <i>Cleaner</i> / Operário em fábrica de cerâmica / Assistente de produção em fábrica de alimentos

Isabela	Graduada em Artes Visuais e em Pedagogia. Possui especialização em Produção Visual	Professora de Artes	Trabalhos esporádicos como <i>cleaner</i>
Isaura	Graduada em Fisioterapia e possui especialização na área cardiopulmonar	Realizava atendimentos de fisioterapia em hospitais e plantões particulares	<i>Cleaner / House keep</i>
Andre	Graduado em Fisioterapia e possui especialização na área de Ergonomia	Consultor e Ergonomista	Motorista de van / Garçom / Atendente num <i>call center</i> / Ergonomista

Os brasileiros entrevistados na presente pesquisa investiram em seu capital humano realizando algum curso de nível superior quando ainda estavam no Brasil. Segundo Becker (1993) os investimentos feitos pelo indivíduo em sua educação são determinados pela relação entre os benefícios futuros que espera receber por estes investimentos e os custos associados aos mesmos.

Assim sendo, a educação é um investimento que, num primeiro momento, sempre demandará gastos para sua execução e, num segundo momento, possibilitará elevar a renda no futuro, resultando em crescimento econômico.

Três dos meus entrevistados nunca atuaram em sua área de formação: Paula, Ingrid e Raissa. Atualmente Paula e Raissa trabalham como cleaner enquanto que Ingrid ainda não teve nenhum emprego na Inglaterra. Raissa e Paula consideram-se satisfeitas trabalhando como cleaner, mas ambas planejam romper a barreira do mercado secundário, de modo que Paula pretende atuar como enfermeira futuramente, enquanto que Raissa pretende trabalhar apenas como maquiadora.

Jessica e Fabrício foram os únicos que não atuaram no mercado secundário e, possivelmente, tal fato se deve a algo que eles possuem em comum: ambos viveram anteriormente nos Estados Unidos o que lhes permitiu adquirir fluência no idioma inglês de

modo que ao chegarem na Inglaterra não tinha como empecilho o idioma local. Evans (2007) acusa em seu estudo que a falta de domínio do idioma inglês vem a ser uma das grandes barreiras para os migrantes brasileiros, vindo a colaborar para a permanência desses no mercado secundário.

Andre, o único que conseguiu transpor a barreira do mercado secundário indo trabalhar no mercado primário é também o único que, ao chegar na Inglaterra, investiu em seu capital humano realizando um curso de inglês. Ele contou que antes de sair do Brasil achava que falava inglês bem, mas ao chegar na Inglaterra percebeu que seu nível de inglês não seria o suficiente para que pudesse atuar em sua área de formação.

A transição realizada na trajetória profissional, ao mudar de país, pode ser mais desafiadora do que se imagina e constatamos isso nos casos de Renato e Frederico. Ambos passaram pela experiência de trabalhar como garçom e tiveram que desistir ao constatar que não tinham as habilidades exigidas para esse cargo.

Renato, dentre todos os entrevistados foi o que teve mais experiências profissionais na Inglaterra, e essa mobilidade expressa a atual conjuntura do mercado de trabalho inglês onde milhares de imigrantes se vinculam a empresas terceirizadas de modo que a falta de vínculo faz com que esses imigrantes transitem entre um trabalho e outro tentando, como relatou Renato, “encontrar o menos pior, já que todos são ruins”.

Dentre os 12 entrevistados, as que possuem um período maior de experiência na Inglaterra são Karina e Isaura. Ambas tinham uma carreira bem estabelecida no Brasil e na Inglaterra ambas atuam realizando trabalhos do mercado secundário entretanto, ao analisarem suas respectivas trajetórias profissionais, o sentimento que elas expressam é completamente diferente. Isaura sente-se satisfeita em seu atual trabalho não sentindo vontade de abandoná-lo, enquanto que Karina sente-se extremamente insatisfeita afirmando detestar o que faz. Elas, assim como Isabela e Ingrid, deixam claro que abdicaram de suas carreiras no Brasil considerando os benefícios que a migração proporciona aos seus filhos.

Percebemos nos relatos a importância das redes enquanto meio para conseguir trabalho no país receptor. Mais da metade dos entrevistados conseguiram um emprego por

meio da indicação de algum conhecido. Renato, por exemplo, conseguiu o trabalho como garçom, ao se mudar para Leeds, por meio de Jéssica. Eles se conheceram por meio de um grupo de brasileiros do *facebook* e numa conversa ela lhe disse que o restaurante onde esposo trabalhava estava contratando garçons.

Quadro Sinóptico 4: Expectativas quanto ao futuro profissional

Entrevistados	Expectativas
Karina	Fazer curso complementar de Direito para poder atuar como advogada.
Fabricio	Fazer uma Pós para atuar como professor em escolas públicas.
Jessica	Investir na carreira do esposo, para que ele possa atuar em sua área de formação.
Raissa	Trabalhar apenas como maquiadora na Inglaterra e, futuramente, migrar novamente para os EUA.
Paula	Melhorar o domínio do idioma inglês e, posteriormente, validar o diploma para poder trabalhar em sua área de formação.
Frederico	Melhorar o domínio do idioma inglês e, posteriormente, validar o diploma para poder trabalhar em sua área de formação.
Renato	Fazer uma Pós para atuar como professor em escolas públicas.
Isabela	Melhorar o domínio do idioma inglês e, posteriormente, validar o diploma para poder trabalhar em sua área de formação.
Isaura	Pretende fazer algum curso que lhe permita adquirir uma renda extra como, por exemplo, o curso cuidado materno.
Andre	Após a validação de seu diploma, pretende conseguir um cargo que seja similar ao que ocupava no Brasil
Ingrid	Não possui planos.

Percebemos que a maior parte dos entrevistados planejam atuar em sua área de formação, porém, como dito anteriormente, apenas Fabricio investiu, até então, em seu capital humano.

5.5 Bye bye Brasil

Ao final da entrevista os participantes foram questionados se possuem intenção de retornar e, embora muitos tenham afirmado ao longo da entrevista que sentiram desejo de retornar para o Brasil em algum momento desde a chegada na Inglaterra, nenhum dos entrevistados possui intenção de retornar para o Brasil.

Eu tenho um amor muito grande pelo Brasil por que meus pais estão lá, grandes amigos estão lá né, o meu irmão, que eu só tenho um irmão de pai e mãe, tá lá com a família é...por que os outros são meus irmãos e...então assim, eu tenho um amor muito grande pelo Brasil até vendo essas coisas de Brumadinho agora eu morro de chorar sabe. Porque é o meu povo e o meu lar, a minha casa sempre vai ser o meu país, sempre vai ser o Brasil, mas...eu vejo como uma coisa sem futuro assim..sem chance de melhora por que não melhora né, todos esses anos, todas essas idas e vindas nunca foi melhor, nunca melhorou e...principalmente como eu digo a situação de segurança lá em Brasília não melhora de jeito nenhum, falta de educação no trânsito e... a vontade de corrupção, de se dar sempre bem [Karina].

O Brasil é um país com futuro completamente incerto. A economia vai mal, querem combater a violência dando armas para as pessoas e a política virou um show de horrores, um verdadeiro circo. O Lula tá lá, é um preso político e nem sabe se vai sair algum dia da prisão [Renato].

Essas duas falas exemplificam, de forma sucinta, o que os entrevistados expuseram ao afirmar que não pretendem retornar para o Brasil.

Capítulo 6

CONCLUSÃO

A compreensão dos fluxos migratórios contemporâneos deve ser feita levando-se em consideração a reorganização da economia mundial ocorrida nas últimas décadas, a qual resultou na formação de um espaço transnacional, onde tem-se a circulação de pessoas, mercadorias, serviços e informações. Esses fluxos compõem o que poderíamos tratar como faces do fenômeno da globalização, estando essas faces diretamente interligadas entre si.

Nesse contexto, temos os fluxos estabelecidos entre Brasil e Inglaterra onde brasileiros, motivados por interesses variados, se deslocam rumo a Inglaterra enquanto que investidores ingleses adentram o mercado brasileiro atuando em diversos segmentos.

O fluxo de brasileiros que se deslocam rumo a Inglaterra corresponde atualmente a um dos principais fluxos de emigração brasileira (de acordo com o Ministério da Relações Exteriores) e é composto por brasileiros oriundos de realidades distintas dentro da sociedade brasileira.

Todos os entrevistados, exceto Karina, adquiriram o direito de viver legalmente na Inglaterra devido ao fato de terem ou serem casados com alguém que tenha uma cidadania europeia. Dentre os que realizaram o processo de reconhecimento da cidadania europeia, apenas Isabela tentou viver no país de origem dos seus antepassados de modo que todos os demais adquiriram a cidadania europeia tendo em mente migrar para a Inglaterra.

A escolha desse país, conforme mostrado anteriormente, possui forte influência das redes sociais as quais foram utilizadas pelos entrevistados como fonte de informação. Assim sendo, as redes sociais (incluindo as redes virtuais) e os canais do *youtube* colaboraram com o processo de idealização de como seria a vida na Inglaterra. Entretanto, conforme dito por Karina, “Só quando a gente tá aqui é que a gente vê os prós e os contra da Inglaterra e...no Brasil tem a Inglaterra como país de primeiro mundo.”

Os relatos sobre as expectativas dos entrevistados em relação a Inglaterra indicam que houve diferença entre a ideia construído pelos brasileiros, antes de migrarem para a Inglaterra, e a realidade com a qual se depararam ao chegar nesse país.

Quando questionados sobre as razões que impulsionaram a migração, percebemos que os fatores de atração e repulsão mais citados atuam de forma complementar. De um lado temos o Brasil apresentando um custo de vida elevado enquanto que do outro lado temos a Inglaterra, onde o custo de vida vem a ser mais baixo, a começar pelo fato de que nesse país a grande maioria da população faz uso da escola pública e do sistema público de saúde. Paula, por exemplo, comenta que boa parte da renda de sua família, no Brasil, era usada para pagar a escola das filhas e o plano de saúde da família.

Além do fator econômico, os relatos apresentados revelaram a violência como um fator de repulsão e, nesse caso, temos de um lado o Brasil, que vem a ser o país que ocupa o primeiro lugar no ranking de homicídios (em número absoluto) e do outro temos a Inglaterra, onde as pessoas se sentam mais seguras, haja visto que policiais patrulham desarmados.

Os relatos de alguns dos brasileiros entrevistados revelaram um sentimento de desencantamento em relação ao Brasil que pode ser traduzido como uma falta de esperança em relação ao futuro do país que atravessa neste momento uma crise que abarca diversos setores. Esse desencantamento é percebido de forma clara quando os entrevistados são questionados se possuem intenção de retornar para o Brasil futuramente e, de forma unânime, afirmam que não.

Em relação à trajetória profissional, quase todos os entrevistados trabalharam ao menos uma vez no mercado secundário e ao serem questionados sobre como percebem a própria trajetória profissional, embora alguns estivessem frustrados com o fato de estar inserido no mercado secundário, nenhum deles demonstrou arrependimento quanto a decisão pela migração.

Ao adentrar no mercado de trabalho inglês, os imigrantes brasileiros irão, em sua maioria, realizar trabalhos denominados pelo nativo inglês como *unskilled Jobs*, que pode ser

traduzido como “trabalhos não qualificados”. Esses trabalhos, pertencentes ao mercado secundário (Piore,1994), são realizados por brasileiros que possuem níveis distintos de escolaridade.

A maioria dos entrevistados possuem planos em relação ao futuro e os que estão no mercado secundário reconhecem a necessidade de melhorarem o nível de inglês para que possam romper a barreira desse mercado.

Quanto a frustração profissional, essa é contornada pelos fatores que atraíram esses brasileiros para a Inglaterra de modo que a segurança, o acesso a educação pública de qualidade (embora obviamente nem todas as escolas públicas sejam ótimas) bem como o acesso a bens de consumo atuam de forma compensatória. Isabela, por exemplo, cita em sua entrevista: Eu não me incomodo se eu ficar de *cleaner* por um tempo, por que vale a pena pela vida que eu posso viver aqui sabe, meus filhos na escola, segurança, acesso à saúde.

Conclui-se que os fatores que impulsionaram a decisão pela migração envolvem não apenas o interesse financeiro, mas também outros interesses os quais devem ser analisados considerando-se como unidade de análise a família. Assim sendo, a linha que define a decisão como micro ou macro revela-se tênue, pois ao mesmo tempo em que tem-se uma conjuntura estrutural que empurra esses brasileiros há também interesses particulares que envolvem toda a família os quais colaboram para a decisão de emigrar.

Quando comparamos os relatos aqui apresentados com outros estudos sobre a migração de brasileiros para a Inglaterra percebemos que o fator violência nunca havia sido citado até então nas análises realizadas sobre esse fluxo. Seria necessário uma amostra maior para que se pudesse mensurar o quanto esse fator de repulsão tem influenciado a decisão dos brasileiros pela migração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. (1994). “Cidadania e administração da justiça criminal”. In: DINIZ, E.; LEITE LOPES, S. e PRANDI, R. (orgs.). Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. São Paulo, Anpocs/Ipea/ Hucitec, pp. 304-327.
- ADORNO, S. . Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junho, p. 7-8, 2002.
- ALONSO, J. A. Emigración y desarrollo. Implicaciones económicas. Madrid: La Catarata, 2004.
- BAENINGER, R. Desafios teórico-metodológicos para a interpretação da migração internacional na sociedade contemporânea. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, SP, v. 34, n. 1, p. 181-184, 2017.
- BATISTA, Marcos. A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE OS PRINCIPAIS MODELOS, TEORIAS E PENSADORES. *RENEFARA*, [S.l.], v. 2,n.2,p.286-302,abr.2012.ISSN2236-8779. Disponível em: <<https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/viewFile/68/58>>. Acesso realizado em: 04/05/2018
- BECKER, Olga Maria S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. P.319-367 In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo da C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). *Explorações geográficas: percurso no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- Marques, José Carlos (2008), *Os portugueses na Suíça. Migrantes Europeus*. Lisboa: ICS
- BERTAUX. *LOS Relatos de vida*. Barcelona; 2005.
- CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. *Introdução à Globalização*. Repositório Universidade de Évora, Editora Instituto Bento de Jesus Caraça, abr. 2007.
- CARVALHO, José Alberto de Magno, e CAMPOS, Marden Barbosa. A variação do saldo migratório do Brasil. *Estudos Avançados*. 20 (57), 2006. 55-58.

CASTLES, S.; MILLER, M. The age of migration. International population movements in the modern world. 4.ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

CEPAL. Globalización y Desarrollo. Santiago de Chile: Cepal, Naciones Unidas, 2002. 396p.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, Norbert. Capítulo 5: As interdependências humanas. Introdução á Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 147-172.

EVANS, Y. WILLS, J. DATTA, K. HERBERT, J. McILWAINE, C. MAY, J. ARAUJO, J.O. FRANCA, A.C. FRANCA, A.P. Brasileiros Em Londres: relatório para a campanha de estrangeiros a cidadãos, London: Department of Geography, Queen Mary, University of London, 2007.

FERREIRA, A., Demutti, C. M. & Gimenez, P. E. O. (2010, Setembro). A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho. XIII SEMEAD, Seminários em Administração.

FONSECA, Maria Lucinda (2005) – Migrações e Território. Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, CEG, nº64, Lisboa.

FRANGUELLA, S. O made in Brasil em Londres: Migração e os bens culturais. In Travessia revista do Migrante - Publicação do CEM - Ano XXXIII, n.6, Jan-Jun 2010.

FUSCO, W. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares . CADERNOS NEPO, Campinas, NEPO-Unicamp, 2001.

GAUDEMAR, Jean P. 1977. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa, Editorial Estampa.

GEORGE, Pierre. As migrações internacionais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros. Migrações e desenvolvimento. Porto: Fronteira do Caos. 2009.

GOZA, Franklin (2003). Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In MARTES, A. C. e FLEISCHER, S. (orgs.) (2003). Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra.

JANSEN, Clifford (1969) "Some Sociological aspects of migration", in John A. Jackson (org.), Migration, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 60-73.

KNOWLES, C; ALEXANDER, C. Making Race Matter: bodies, space and identity Palgrave Macmillan, 2005.

KUBAL, Agnieszka, Oliver Bakewell and Hein de Haas (2011) The evolution of Brazilian migration to the UK: A THEMIS scoping study, International Migration Institute, University of Oxford.

LIMA, R. Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, v. 10, abr. 1980.

MASLOW, A. H. A Theory of Human Motivation. 1943. Disponível em <<http://psychclassics.yorku.ca/Maslow/motivation.htm>> Acesso realizado em: 5/07/2018

MASSEY, D. (1990). Social structure, household strategies and the cumulative causation of migration. Population Index. Princeton, v. 56, n. 1, pp. 3-26.

MARGOLIS, Maxine.(1998), Invisible minority, Brazilians in New York City. Massachusetts, Allyn and Bacon.

MARGOLIS, Maxine. (1994), Little Brazil. Princeton University Press.

MARQUES, J. C.; GÓIS, P. C.; MORAIS. A evolução do sistema migratório lusófono: uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa, n. 24, p. 213- 231.

MARTES, Ana Cristina Braga. “Emigração brasileira: formação de mercados de consumo de produtos brasileiros no exterior”. RAE Light– Revista de Administração de Empresas. Vol. 8, N. 1, 2001. pp. 08-12.

MARTINE George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século XXI. In: São Paulo em perspectiva. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 3-22, 2005.

MARTINS, Jose Ricardo Immanuel. Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/285417699_IMMANUEL_WALLERSTEIN_E_O_SISTEMA-MUNDO_UMA_TEORIA_AINDA_ATUAL> Acesso realizado em: 03/04/2018

MASSEY, Douglas et. al. (1993). “Theories of International Migration: A review and Appraisal”. Population and Development Review, vol. 19(3), p. 431-466.

MAURO Augusto dos Santos & Alisson Flávio Barbieri & José Alberto Magno de Carvalho & Carla Jorge Machado, 2010. "Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias," Textos para Discussão Cedeplar-UFMG 398, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NOLASCO, Carlos. Migrações Internacionais: conceitos, tipologia e teorias. Oficina do CES n.º 434. Coimbra: CES, 2016.

PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: Migração, Condição de Vida e Dinâmica Urbana: São Paulo 1980- 1993. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1997.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. Estudos avançados, São Paulo, v.20, n.57, p.7-24, 2006.

PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. In: SOCIUS Working Papers N°11. Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

PIORE, Michael J. (1979). *Birds of passage: migrant labor in industrial societies*. Cambridge: Cambridge University.

PIORE, Michael J. e Charles Sabel F. (1984). *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books.

PIORE, Michael. "The dual labor market: theory and implications". In: GRUSKY, David (org.). *Social Stratification: class, race and gender in sociological perspective*. Boulder: Westview press, 1994, pp. 509-519.

PORTELLI, A. (1997) O que faz a história oral diferente. In: *Cultura e Representação*. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ.

QUEIROZ, M.I. (1988) Relatos orais: do "indizível" ao "dizível" . In: VON SIMSON (org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (org). *Sociologia das migrações* . Universidade Aberta: Lisboa. 1995.

SALES, Teresa. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. IN: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil. v. 1.2.ed. Campinas. FUNUAP, 1996, p. 89-103.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 6º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.

SASAKI, Elisa Massae; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEP, XII, 2000. Caxambu. Anais Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000. Belo Horizonte; UFMG/ABEP, 2000. Anais Online.

SASSEN, Saskia. Sociologia da Globalização. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SAYAD, A. A imigração. São Paulo: Edusp, 1998

SCHULTZ, T. W.. O Capital Humano: investimentos em educação e pesquisa. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p.25-52.

SILVA, Ivanilda (2006), “Teorias do emprego segundo o enfoque do capital humano, da segmentação e dos mercados internos”, Revista da Fapese, 2(2), 129-140.

SOLIMANO, A. Mercado de trabalho: Quatro enfoques em busca de um paradigma. Pesquisa e planejamento econômico, Rio de Janeiro, v. 18, dez 1988.

SJAASTAD, L. A. The costs and returns of human migration. In: Journal of Political Economy vol. 70, nº5, 1962. p. 80-93.

TRAVESSIA - Revista do Migrante - Nº 66 - Janeiro - Junho / 2010

TRUZZI, Oswaldo M. S. Redes em processos migratórios. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP. V. 20, 2008.

VILELA, Elaine Meire (2011). Desigualdade e discriminação de imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro. DADOS - Revista de Ciências Sociais 54.

VINUTO, J. (2014). A Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, 22(44), 203-220.